



Vol. 5

O sertão de Oswaldo Lamartine

Em alpendres
d'Acauã

Solenidade Doutor
Honoris Causa:
discursos

**Reitor**

José Daniel Diniz Melo

Vice-Reitor

Henio Ferreira de Miranda

Diretoria Administrativa da EDUFERN

Maria da Penha Casado Alves (Diretora)

Helton Rubiano de Macedo (Diretor Adjunto)

Bruno Francisco Xavier (Secretário)

Conselho Editorial

Maria da Penha Casado Alves (Presidente)

Judithe da Costa Leite Albuquerque (Secretária)

Adriana Rosa Carvalho

Alexandro Teixeira Gomes

Elaine Cristina Gavioli

Everton Rodrigues Barbosa

Fabício Germano Alves

Francisco Wildson Confessor

Gilberto Corso

Gleydson Pinheiro Albano

Gustavo Zampier dos Santos Lima

Izabel Souza do Nascimento

Josenildo Soares Bezerra

Ligia Rejane Siqueira Garcia

Lucélio Dantas de Aquino

Marcelo de Sousa da Silva

Márcia Maria de Cruz Castro

Márcio Dias Pereira

Martin Pablo Cammarota

Nereida Soares Martins

Roberval Edson Pinheiro de Lima

Tatyana Mabel Nobre Barbosa

Tercia Maria Souza de Moura Marques

Editoração e Revisão

Helton Rubiano (Coordenador)

Isabelle Cavalcante (Colaboradora)

Thaynan Silva (Colaborador)

Design editorial

Rafael Campos (Projeto gráfico)

Obra da capa

Newton Navarro (Sem título, 1973.)

Vicente Serejo
Graco Aurélio Melo Viana
Helton Rubiano de Macedo
(Org.)

O sertão de Oswaldo Lamartine

Volume 5

Em alpendres d'Acauã

Solenidade Doutor *Honoris Causa*: discursos

60
anos

Fundada em 1962, a Editora da UFRN (EDUFRN) permanece até hoje dedicada à sua principal missão: produzir livros com o fim de divulgar o conhecimento técnico-científico produzido na Universidade, além de promover expressões culturais do Rio Grande do Norte. Com esse objetivo, a EDUFRN demonstra o desafio de aliar uma tradição de seis décadas ao espírito renovador que guia suas ações rumo ao futuro.

Este livro é uma ação de extensão (PD003-2021)
da Editora da UFRN (EDUFRN)
e contou com recursos do Programa Caravana Cultural
da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UFRN).

Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação na Fonte: UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

O Sertão de Oswaldo Lamartine [recurso eletrônico] : volume 5 / organizadores
Vicente Serejo, Graco Aurélio Melo Viana, Helton Rubiano de Macedo ;
apresentação José Daniel Diniz Melo. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 4,5 MB). – Natal,
RN: EDUFRN, 2022.

Modo de acesso: World Wide Web
<<http://repositorio.ufrn.br>>.
Título fornecido pelo criador do recurso
ISBN 978-65-5569-222-8

v. 5. Em alpendres d'Acauã ; Solenidade Doutor *Honoris Causa*: discursos.

1. Faria, Oswaldo Lamartine de, 1919-2007. 2. Sertões – Seridó, Região do RN.
I. Serejo, Vicente. II. Viana, Graco Aurélio Melo. III. Macedo, Helton Rubiano. IV.
Melo, José Daniel Diniz.

RN/UF/BCZM

2021/29

CDD 981.32
CDU 94(813.2)

Elaborado por Gersonede de Souza Venceslau – CRB-15/311

Todos os direitos desta edição reservados à EDUFRN – Editora da UFRN
Av. Senador Salgado Filho, 3000 | Campus Universitário
Lagoa Nova | 59.078-970 | Natal/RN | Brasil
e-mail: contato@editora.ufrn.br | www.editora.ufrn.br
Telefone: 84 3342 2221

Apresentação

José Daniel Diniz Melo

Reitor da UFRN

N o ano de 2005, Oswaldo Lamartine de Faria recebia o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Já ultrapassara oitenta de existência. O reconhecimento, a seu tanto tardio, mas obviamente oportuno, fazia justiça a um autor que, não tendo pertencido à academia, produziu obra de suma importância sobre o semiárido seridoense, numa prosa por todos elogiada. Encontrável apenas em sebos – por vezes reeditada por iniciativa do sebista natalense Abimael Silva – fragmentada em muitos pequenos volumes, sua obra necessitava de um ordenamento editorial capaz de confirmar e ampliar sua grandeza. É o que ora faz a UFRN com a publicação de *O sertão de Oswaldo Lamartine*, mediante autorização do filho Cassiano Lamartine, e obedecendo criteriosa organização de Vicente Serejo, Graco Aurélio Melo Viana e Helton Rubiano de Macedo. Assim, os interessados em melhor conhecer essa fascinante região brasileira a encontrarão ordenada tematicamente nos volumes agora entregues em bela concepção editorial.

Nascido em Natal – menino do litoral, portanto – até poderia Oswaldo Lamartine surpreender pela sua opção intelectual, ainda mais pelo que parecia ser o destino de estudar de forma incansável a terra que funde culturalmente os estados irmãos Rio Grande do Norte e Paraíba: os sertões do Seridó. Ocorre que esse doutor natalense, dominado pelo sentimento telúrico, tinha a correr nas veias o mais autêntico sangue seridoense, herdado de outro amoroso por aquelas terras, cujas tradições chegou a pesquisar, em *Velhos costumes do meu sertão*, o ex-governador Juvenal Lamartine.

Do pai, herdaria Oswaldo o amor irrecorrível pelo sertão do Seridó, fascinado por tudo que se refere a sua geografia física e humana: a pecuária, a fauna, a flora, os instrumentos de trabalho, as técnicas de armazenamento de água, as serras e a caatinga, o vaqueiro, a comida, a lírica popular. Desde que começou, ainda muito jovem e já merecendo reconhecimento de quem lia seus textos (especialmente do velho parceiro Vingt-Un Rosado), Oswaldo Lamartine logo se colocou em uma vastíssima galeria, da qual permito-me destacar nomes como os de Manoel Dantas, Zila Mamede, José Bezerra Gomes, os governadores Lamartine e José Augusto, Paulo Balá e o inesquecível professor Muirakytan Macêdo. E de pronto se tornou admirado pela intelectualidade brasileira, merecendo referências elogiosas de intelectuais do porte de Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna e José Lins do Rêgo.

Não posso deixar de assinalar a grande alegria de me encontrar à frente da Reitoria no momento em que a UFRN produz e disponibiliza esta obra. Por isso, gostaria de homenagear os responsáveis por este trabalho que faltava à Cultura Brasileira. Parabenizo também os leitores pela excelente oportunidade de descobrir (em muitos casos, redescobrir) a riqueza que há em *O sertão de Oswaldo Lamartine*. Porém, congratulo-me, sobretudo, com os conterrâneos seridoenses, presenteados com o sertão de todos, vivamente retratado aqui.

Oswaldo Lamartine¹

Rachel de Queiroz

C onheci Oswaldo Lamartine quando começava a escrever o *Memorial de Maria Moura*, nos começos de 1990. Eu estava “situando” o romance; fixara-o geograficamente naqueles sertões que nascem nos fundos de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, e marcham pelo Oeste, na direção de Goiás. Eu me inspirava, para essa localização, num velho mapa que descobrira nos guardados do meu avô engenheiro, o Dr. Rufino, onde a região aparecia desenhada apenas nos seus limites externos e marcada pelo letreiro: “Território não mapeado”. Parece que mais tarde, não sei se pelo Marechal Rondon, foi mapeada a região.

Outros problemas com que eu me defrontava eram os hábitos locais, os tratos domésticos, a alimentação, as bebidas. E a roupa. E as armas. Consultados os meus queridos amigos Melquíades e Arair Pinto Paiva (ele um estudioso do cangaço), discutimos

1 O *Galo*, n. 7, Fundação José Augusto, Natal-RN, julho de 1997.

bacamartes e facas de briga, a introdução do café, então artigo de luxo, etc., etc. Foi aliás deles dois que recebi informação sobre a existência do “cubico” ou cubículo, uma espécie de quartinho subterrâneo, oculto, onde se punham em segurança amigos que se escondiam ou se prendiam inimigos.

Mostraram-me até uma foto das ruínas do “cubico” da casa do sítio da bisavó dos dois, a famosa D. Fideralina. Mas quando fui me tornando mais exigente, tiveram eles a grande ideia – e me apresentaram ao mestre “sertanólogo”, o hoje meu amigo, meu irmão, Oswaldo Lamartine. Acho que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do Nordeste do que Oswaldo. Quanto a mim, senti-me como garimpeiro que descobre uma mina. Oswaldo levou a sério a tarefa, e passou a me fornecer toda espécie de informação que lhe solicitava: desenhava roupas, chapéus, cachimbos e, principalmente, as armas dos meus cabras. Tenho aqui ao lado a pasta que guardas essas preciosidades – desenhos muito bem-feitos de punhal (especificando o que seria de marfim ou prata no cabo, o corte e as dimensões da lâmina de aço). Outro desenho, um bacadarte de fabricação inglesa (chamado pelos cabras “vagalume”), tendo gravado na coronha o nome do fabricante, I. Hall. Mas a joia, entre todos os desenhos, é o de uma pistola também inglesa (E.D.N. and North) chamada pelos cabras de “cotó”. E mais, ao lado dos desenhos, o glossário, que não posso reproduzir aqui já que me consumiria todo o espaço; vai de “jeritiba” (cachaça) até as 24 enumerações das horas do dia, como “quebra da barra”, “pingo do meio-dia”, “roda de sol” etc.

Na página das dedicatórias, quando publicado o romance, agradei a Oswaldo pela “inestimável ajuda”. Foi pouco, mas sendo ele lacônico por natureza, não me atrevi a derramamentos maiores.

Contudo, além da realmente “inestimável ajuda”, o lucro maior que me ficou desse conhecimento foi o fraterno amigo adquirido. E olha que, a princípio, quando José Bonifácio Câmara e Melquíades me falaram dele, eu até cismeí um pouco: filho de senador e presidente do Rio Grande do Norte, sociólogo e folclorista? E eis que surge aquele anjo magro, só querendo falar das coisas de que nós ambos gostávamos – quer dizer, do sertão. A cada visita, ele me trazia novas contribuições para a minha história: o nome de um pano, os trocos de moeda, os chás caseiros; tivemos grandes confabulações também sobre os ferros de marcar gado, objeto de seu grande interesse (a porta do seu apartamento, aqui no Rio, é “ferrada” como uma rês; e até agora tenho resistido em ferrar a minha também, operação que ele me recomenda, com empenho...).

Acho que só de cem em cem anos pode nascer algum brasileiro como Oswaldo Lamartine. E como ele ainda está na casa dos setenta, vão demorar pelo menos ainda uns trinta anos até aparecer outro.

Oswaldo Lamartine e eu²

Ariano Suassuna

Posso dizer que eu já era amigo de Oswaldo Lamartine antes de conhecê-lo pessoalmente, ou mesmo através de cartas, uma vez que nunca nos correspondemos. Quando, em 1930, minha família precisou deixar a Paraíba, por conta das perseguições de que éramos vítimas, foi o pai de Oswaldo, o então governador Juvenal Lamartine, quem nos acolheu; passamos, assim, uma temporada em Natal, minha mãe, eu e meus irmãos, numa casa do Dr. Juvenal que ficava junto ao mar e cuja lembrança me serviu para escrever uma passagem do meu romance *O rei degolado*. Eu tinha cerca de três anos de idade, e Oswaldo, já com onze anos, salvo engano, encontrava-se estudando no Recife ou no Rio. Tanto eu quanto Oswaldo fomos profundamente feridos na Revolução de 30 e seus desdobramentos: eu perdi meu pai, assassinado; Oswaldo perdeu um irmão, da mesma maneira. O destino foi, assim, naturalmente,

2 Recife-PE, 10 de setembro de 2008. Publicado na edição fac-similar de *Uns fesceninos*, organizada por Carlos Newton Júnior, com selo das Edições Bagaço.

nos unindo e nos fazendo solidários um com o outro. De longe, nos admirávamos mutuamente. Sempre li os seus livros a que tive acesso e sabia que ele lia os meus. Quando o conheci pessoalmente, ambos já velhos, em Natal, Oswaldo me deu dois presentes. O primeiro deles foi uma carta de minha mãe a seu pai, agradecendo a acolhida de 30 e elogiando a simpatia do povo potiguar. O segundo foi ter me levado ao local onde se erguia a casa em que fiquei quando menino e que tanto marcara a minha infância. Oswaldo foi, sem sombra de dúvida, um dos homens mais íntegros que conheci em minha vida.

Mestre Oswaldo³

Virgílio Maia

C onheci Oswaldo Lamartine de Faria através da leitura do seu livro *Ferro de Ribeiras do Rio Grande do Norte*, que um dia, isso já está para mais de dez anos, me veio às mãos por empréstimo do amigo Audifax Rios. A leitura de Ferros reavivou em mim lembranças que andavam meio esmaecidas, as da minha infância de magro menino sertanejo, passada no interior do Ceará, em Limoeiro do Norte. Trouxe-me à memória as vacas que meu pai possuía, os nomes delas, Borborema, Colombina, Bordada, Boa Sorte, e aqui era bom que eu soubesse aboiar, assim que nem o vaqueiro Sérgio Preto, o que fazia o gado chorar, mas não sei. Pois a leitura de *Ferros* me acordou para esse mundo, que, desaparecido ou desaparecendo, pode agora ser reinventado para que não desapareça de todo e para nunca mais.

Telefonei então para o Mestre Oswaldo – dei com ele em seu sítio no interior do estado do Rio de Janeiro, *um lenço de chão*, como ele disse – e travamos, a partir daí, uma estreita amizade

3 O *Galo*, n. 7, Fundação José Augusto, Natal-RN, julho de 1997.

epistolar, carta vai, carta vem, livro vai, notícias, informações bibliográficas e essas coisas assim. Devo confessar, porém, que nunca pude corresponder nem à mínima parte com que Mestre Oswaldo tinha de conhecimentos sobre as cousas do sertão. Só os livros de sua autoria – e ele já me mandou todos, inclusive o raríssimo *Uns fesceninos* – já foram uma verdadeira enciclopédia sobre o sertão do Seridó, e, por extensão, sobre o país do Nordeste – esse que se estende do Velho Monge, o Parnaíba, ao Velho Chico, o São Francisco, o país que se confederou em 1824.

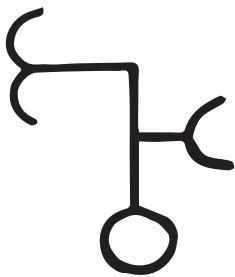
Mas aí um dia – quando do lançamento de *Cartas e cartões de Oswaldo Lamartine*, de Veríssimo de Melo, na cidade do Natal – tive a honra e a oportunidade de conhecer o Mestre pessoalmente: impressionou-me, não posso deixar de dizer, a magreza extrema. E, para além disso, no burburinho do lançamento, a calma, a presteza com que a todos atendia, condado e modesto, como se aquele ajustamento não fosse só por causa dele.

Depois, de uns tempos para cá, Mestre Oswaldo achou de se calar. Mais nenhuma carta do Rio, com a minha marca de ferrar desenhada no envelope. Soube agora que o Mestre se recolheu a uma casa sertaneja que chantou na Fazenda Acauã, município de Riachuelo, Rio Grande do Norte. Pois Mestre Oswaldo que se cuida: qualquer dia, quando ele menos esperar, risco meu cavalo no terreiro da casa-grande, armado com o meu velho abraço. Pode até ser que isso se dê num 15 de novembro, dia do seu aniversário, e então proclamaremos, aos quatro aceiros do mundo, a *República da Pátria do Sertão*.

Sumário

Em alpendres d'Acauã 19

Solenidade Doutor *Honoris Causa*: discursos 109



Natércia Campos
(Organização)

Em alpendres d'Acauã

Conversa com Oswaldo Lamartine de Faria

*Não podemos, pois, deixar de falar
das coisas que temos visto e ouvido.*

Atos dos Apóstolos, IV 20.

Rede e alpendre nos levam ao embalo das vozes dos contadores de histórias. São eles donos do condão mágico de fazer com que os ventos desçam em ciclos e o fogo dos candeeiros mantenha seu mistério de luz e sombra na longa vigília, para melhor serem escutadas suas evocações. O poder das palavras faz o tempo retroceder, o silêncio despertar das longínquas noites-velhas, e “os segredos múltiplos da Reminiscência, o Mundo que vive em nós obscuro e palpitante” adeja com suas amplidões de sonhos. No pouso acolhedor deste alpendre, perpetua-se a História dos Sertões do Seridó, pelas perguntas dos que aqui pernoitaram, nos fazendo sentir que o “sertanejo tem padrinhos clássicos e velhíssimos”. As respostas de Oswaldo Lamartine de Faria revelam o amor ao chão, aos dias de antanho, quase sempre míticos, a etnografia – “nossa memória no Tempo”.

Natércia Campos

Idealizada essa entrevista, duas dificuldades se impuseram: a concordância dele e reunir os amigos mais próximos.

A primeira foi vencida à custa de argumentos insistentes em diferentes momentos – como em desgaste erosivo. “Dobrado” o teimoso, ele passou a colaborar – “tomou gosto”, como dizia...

A segunda foi contornada por solicitações de cada um mandar suas perguntas. Nelas, ele “podou” adjetivações e louvores, sugerindo que os perguntadores “figurassem” apenas com iniciais.

Assim, temos:

AS – Ariano Suassuna

CNJ – Carlos Newton Jr.

CG – Cláudio Galvão

CAL – Cassiano Aranha Lamartine (filho)

DCL – Diógenes da Cunha Lima

FD – Francisco Dantas

FPM – Frederico Pernambucano de Mello

LP – Lenine Pinto

LCG – Luís Carlos Guimarães

ML – Maria Lúcia Dal Farra

NL – Nasilha Lamartine (cunhada)

NC – Natércia Campos

NLC – Nei Leandro de Castro

PB – Paulo Bezerra

PL – Pery Lamartine

RQ – Rachel de Queiroz

SN – Sanderson Negreiros

VS – Vicente Serejo

VR – Vingt-Un Rosado

VM – Virgílio Nunes Maia

WM – Woden Madruga

NC – Sendo você o caçula de uma ninhada de 10 – como costuma dizer – bebeu na fonte com os mais velhos as raízes e os costumes do sertão. Quando resolveu passar para o papel tudo aquilo?

Escutei a conversa de parentes e amigos de meu pai. Conversa evocativa de velhos. No embalo das redes no alpendre, eles transmitiam o maior dos legados, o memorial daquele vasto mundo dos sertões. Tive cinco grandes mestres de ofício: Pedro Ourives, o seleiro; Zé Lourenço, o fazedor de barragens; Chico Julião, o caçador de abelhas; Bonato Liberato Dantas, o pescador de açudes e Olintho Ignácio, o rastejador e vaqueiro-maior das ribeiras do Camaragibe. Foi aprendizado vasto desde o aboio aos preceitos e o apascentar rebanhos.

Para o amanho da terra, estudei numa escola de agronomia em Lavras/MG. Administrei fazendas, colônias (Colônia Agrícola Nacional do Maranhão) e núcleos agrícolas (Núcleo Colonial do Pium/RN). Daí surgiu o tempo de guardar as águas apreendidas daqueles dias para o amanhã de outros dias... assim barragens são feitas, assim surgiram meus apontamentos, notas e livros.

NC – Por que tanto Seridó nos seus escritos?

No dizer do tio-velho (Cascudo): “escritor havia de ter areia da terra natal debaixo dos pés da alma”. Os meus rastros são os meus livros. É que o sertão é mais que uma região fisiográfica. Além da terra, das plantas, dos bichos e do bicho-homem – tem o seu viver, os seus cheiros, cores e ruídos. O cheiro da água que nos desertos também cheira. O da terra molhada, do curral, da lenha

queimada e de cada flor. O belo-horrível-cinzentos dos chãos esturricados, o “arrepio-verde” da babugem, a explosão em ouro das craibreiras em flor. Os ruídos dos ventos, das goteiras, do armador das redes, o balido das ovelhas, o canto do galo, o estalo do chicote dos matutos, o ganido dos cachorros em noite de lua, os tetéus, o dueto das casacas de couro, os gritos do socó a martelar silêncios, os aboios, o bater dos chocalhos, o mugido do gado e tantos outros que ferem nas ouças da saudade.

O Seridó é a terra dos meus pais. Lá, irmãos, pais, avós e antepassados deixaram seus *imbigos* nos moirões das porteiras. E fui criado ouvindo páginas daquela terra e daquela gente. Meu pai, do exílio (Paris, 1931), escrevia pedindo notícias do inverno e até da Melada – a sua burra de sela.

Não sei explicar. É a força da terra. Vosmecê já leu Massangana? Lá, Nabuco escreveu: “Os filhos dos pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o rugido da vaga...”.

NC – Como nasceu A caça nos Sertões do Seridó?

O culpado foi Hélio Galvão. Parece que foi em 1959. Eu morava no Rio e ele me pediu para acompanhar a impressão de *O mutirão no Nordeste* junto ao Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura. Lá conheci Xavier Placer que me convidou para participar da coleção *Documentário da Vida Rural*. (A série era ilustrada por Percy Lau, de quem me tornei amigo). Aí, refiz uma pesquisa anterior e me afoitei com *A caça nos Sertões do Seridó* (1961).

Quando moço – já faz é tempo –, também gostei de caçar. Matei bichos de pelo e de pena e ainda hoje me penitencio protegendo bichos de pelo e de pena. Mas, de tudo: armadilhas, armas, cachorros, perseguição e espera, nada me fascinou tanto como a “ciência” dos rastejadores. Eu mesmo não sou capaz de rastejar um Caterpillar de esteira em massapê molhado. Mas, digo com soberba e tudo, vi com esses dois olhos que a terra não vai comer porque são operados. Vi, dizia, o vaqueiro Olintho Ignácio (1892-1946), nas eras de 40, na Fazenda Lagoa Nova, se acocorar na beira dum caminho e dizer: “...passou fulana, um menino, beltrana... É que a gente daqui tanto faz eu espiar a cara como o rastro”. Anos depois, em Barra do Corda/MA, cacei com um índio kraô. Esse, tomando o piso de um bicho, podia botar a panela no fogo. Esse povo de gravata duvida e não entende, mas a literatura está cheia desses casos. Labareda, lugar-tenente de Lampião, dizia do ranço que eles tinham com os rastejadores das volantes. Todos os povos pastores rastejam. Talvez ninguém se iguale – é o que dizem os que por lá andaram – com os bochimanes, no sul da Angola. E Bodley (*Vento do Saara*) viu e escreveu: “...os nômades do Saara são capazes de dizer o nome da tribo pelo rastro deixado no chão”.

Digo de mim: só entendi melhor o que mais me parecia coisa do cão quando um deles me disse: “a gente também não acredita quando as pessoas olham uma escrita e decretam: a letra é de fulano...”.

E saibam mais: no sertão também se rasteja abelha. Vi, nas eras de 40, em Lagoa Nova, Chico Julião rastejar uma jandaíra – da bebida à morada. Não é qualquer um capaz desse feito. Carece

muita paciência e astúcia. Agachados à beira d'água espiam uma a uma as que bebem, o rumo que tomam de volta e a altura do voo. Andam algumas braças para conferir a passagem delas. E assim seguem até esbarrar na morada.

Em *Algumas abelhas dos Sertões do Seridó*, explico como fazem (ou faziam?). Os mais astutos falam que o mel da abelha limão, tirado no mato, tem de ser comido em silêncio. Se um dos tiradores depois disser *Vamo simbora*, fica areado, bêbado e lançando. Isso é atribuído à floração da maniçoba ou da flor de seda.

DCL – Você tem parentesco com alguma xerófila do Seridó?

Bem qu'eu queria. Quem me dera a dureza da aroeira, a floração do pau-d'arco, a sombra da oiticica, o cheiro do cumaru – isso para não falar nos espinhentos. Me bastava ser talvez uma imburana. É uma burserácea ainda encontrada na caatinga. Multiplica-se facilmente por estaquia e tem madeira fácil de ser trabalhada – daí ser estimada pelos imaginários e jandaíras.

VM – Quais seriam, Mestre Oswaldo, os limites geográficos do Sertão?

Cada vivente tem o seu sertão. Para uns, são as terras além do horizonte e, para outros, o quintal perdido da infância. O *Sertão carioca* é o título de um livro de um geógrafo, dos bons, que os neurônios se recusam a lembrar o nome. Para mim, o sertão é a caatinga. E o do meu bem-querer, é quando descamba ali na Serra do Doutor – Riacho do Maxixe – e vai esbarrar nas barrancas do Piranhas.

PB – Você veio ao mundo em ano de seca grande e se fez no que é. Se antes houvesse vindo, gostaria de ter sido um Pedro Ourives – o seleiro, um Miguelão das Marrecas – o matador de onça ou um Silvino da Caiçarinha que, só por dois anos, lhe botou a bênção de avô?

O nosso avô Silvino (Acari, 1836-1922), tora de homem, bem apessoado, barba de imperador, de mando manso, não gostaria não – por conta da liderança política dele. Não gosto de política – nem muito, nem pouco. Talvez por causa da morte de meu irmão Octávio e de tudo que padecemos em 30. Daí eu dizer – é por motivo de higiene...

O velho Pedro Ourives (1878-1964) – mago do couro, hábil, grande conversador, manso, tipo seridó fibra-longa – também não queria não. Ele teve dois filhos assassinados no mesmo dia e pai não foi feito para enterrar filhos.

Miguelão das Marrecas – *o que veio da Serra do Doutor / chamado por Joaquim Félix / para ser seu morador, / porque perseguia onça, / como um herói lutador* – também não. Onça é bicho bonito demais para se matar.

Quem eu gostaria mesmo de ter sido, primo, era um cantor de feira. O Josué Romano (Teixeira/PB, 1877-1913) – sobejo como eu de uma grande seca (1877). Tão grande quanto o pai, Romano de Mãe d'água. Daí me apojo na pabulagem dele:

Eu me chamo Josué,
Filho do grande Romano,
O cantador mais temido
Que houve no gênero humano:
Tinha a ciência da abelha,
Tinha a força do oceano!

CG – E você é de que ano? E onde nasceu?

1919 foi uma das maiores secas do nosso sertão. Em novembro, meus pais moravam em Natal, na Av. Rodrigues Alves, 431, esquina com a Rua Trairi, onde hoje funciona o restaurante Tibério. Era uma casa colonial, de taipa e telha vã, alpendrada, fresca e honesta – daquele tipo de arquitetura que a engenharia esqueceu.

Ali, no dia 15, sábado, às 19 h, D. Adelaide Silva, parteira, cortou o *imbigo* de um menino macho. Era eu. Quando é agora leio em um *Almanak de Bristol para o anno de 1919* que era dia de Sta. Gertrudes, virgem (!) e a lua nasceu aos 29 minutos.

Cheguei no aniversário da Proclamação da República e até hoje ainda me pergunto se isso foi bom ou ruim (?). Consola saber que foi na República Velha quando menos se conjugava o verbo roubar.

NC – Como foi sua infância sertaneja e urbana?

Quando no sertão, mesminho Casimiro – *Da camisa aberto o peito, / Pés descalços, braços nus* –, o dia principiava com a caneca de leite mungido ainda ao quebrar da barra e se findava com as

estórias de Trancoso. Noites de um sono só parecendo um piscar de olhos.

Vadiava-se de boi-de-osso, cavalo de pau, nadar com cavalete de mulungu, mergulhar em desafio ao “galinha gorda? / gorda é ela...”, jogar canga-pé, tirar caçote, armar arapuca, fojo e mundé, andar a cavalo, enfim, todo esse rico e sadio viver rural.

Quando em Natal, manhãzinha, apanhar frutas no sítio da casa; caçar de baladeira; empinar papagaios (raias, bandejas e relógios) de caudas armadas de rocegas (lascas de fundo de garrafa Cinzano presas por taliscas); futebol de botão (ai da visita em dia de chuva que pendurasse capa no cabide lá de casa); peladas de bola-de-meia na Rua Potengi e de borracha e couro no campo do Triângulo (onde hoje é o Atheneu). Ali se amagotavam os meninos que vinham apanhar água em latas, galões e roladeiras (barris tracionados pelo eixo) e, seduzidos pela bola, esqueciam a obrigação. A pisa era grande quando voltavam para casa. Éramos moleques de calça-curta e felizes. Lembro de Zé Tamaru, João Calango, Baíca, Nazareno, Antônio Scipião e tantos outros humildes meninos da Solidão...

NC – Qual o rio maior de sua vida?

As minhas águas sagradas são as que descem da Serra do Doutor e vão se afogar na boca da barra junto ao Forte dos Reis Magos. Basta reler a dedicatória que fiz para você em *As quatro margens do rio*:

Potengi de limpas águas
que carregam terras sertanejas
para a boca da barra
onde se afoga no mar.

Dizem os historiadores
que a sua enseada
acoitou o bucaneiro francês
Jacques Riffaut
que o povo aportuguesou
em Bairro de Refole.

Potengi que fartava as panelas do povo
de tainha e goiamum

“Rio amado de minh’alma...”
na modinha de Bezerra Júnior
que minha mãe cantava.
Rio de águas limpas, espelhando os céus.

Potengi que inspirou poetas e prosadores de minha terra
e, em noites de lua,
fazia dos namorados
seresteiros de violões capadócios.

Nele não mais alcancei a lancha do Mestre Antônio
que fazia a “linha” Macaíba-Natal.
E já me entendi de gente
vendo a engenharia de pedra e aço
da Ponte de Igapó.

Nos anos 20
veraneei em casa de palha na Praia da Redinha.
Era virada para o nascente
d'onde a Fortaleza dos Reis Magos
vigia a gente.

Atravessava-se o Potengi
em botes de velas triangulares, Z-4:

Estrela d'Alva
Zelação
Princesa Mafalda

e o “comodoro” mestre Brasileiro
fazia de cada viagem uma “acta diurna”.

Em suas águas, limpinhas, Potengi
aprendi a pescar siri
e nadar cachorrinho
(Tomava-se banho de mar por prescrição médica;
e minha roupa de banho,
listrada de azul e branco
ia do pescoço aos joelhos).

Em janeiro de 30
voei de suas águas para as nuvens
nas asas do hidroavião Guanabara
da Sindicato Condor.
E subi mais alto que as arraias da meninice.
Depois, ferido, saí de barra afora
Quando “tomei um Ita no Norte...”

Recordo o que boiava em suas águas, Potengi:
bateias, jangadas, botes, ioles e os paquetes do
Lloyd Brasileiro e da Ita (Companhia Nacional de
Navegação Costeira).

Vi o cruzador inglês Dehli
e o majestoso rebocador Lucas Bicalho.
Também os pássaros náuticos:
o Jahu de Ribeiro de Barros,
o Late-28 de Jean Mermoz,
os Ratos Voadores do Generalíssimo Balbo,
o Do-X
o pequeno Curtiss da Wharton Pedroza
e as outras de estrangeiros povos.

Voltei, já encabelado.
quando calejei as mãos nos pinhos das ioles do
Centro Náutico Potengi
e, em camas do Wonder Bar,
me inaugurei venéreo.

Também do Cais Tavares de Lira
espiei o esperançoso inverno dos sertões.

Depois me fui...

Agora, nesse anoitecer
de olhos meia-luz poluídos
não mais vi o peixe agulha
nem os cardumes de tainha.
Na lama dos mangues, nenhuma garça.
Os homens poluíram suas águas, Potengi.

Dos rios de águas doces – o do Ingá – que criou toda a minha gente materna e que a erosão arrasta para o não-sei-onde.

PL – É verdade que você deu mangas a Mermoz?

Dei não. Fui portador e entreguei a uns homens da casa vizinha. Foi assim. Em 1930, a casa de meu pai era num quarteirão de fruteiras, do meu perdido reinado, ali na Trairi, 558, esquina com Av. Campos Sales. Confrontando, havia um sobrado estilo art-nouveau, “Vila Barros”, onde se hospedou Jean Mermoz e seus colegas de tripulação.

Minha irmã Paulina (1914-2000) teve um flerte com Gemié e me fazia levar para eles cestos de mangas-rosas escolhidas. (Flerte – sempre é bom explicar para essa geração da camisinha – era um namorico com troca de olhares demorados e sem maior aproximação). Eu gostava porque aqueles homens, naqueles tempos, tinham para nós meninos a grandeza de astronautas para os jovens de agora.

Essas canhestras e magras mãos levaram mangas para os homens-pássaros: Mermoz, Gemié e Debré – acreditem!

LCG – Que lembranças guarda de seu pai Juvenal Lamartine?

A de pai e amigo. A revolução de 30 me atirou em internatos até 1940. Adolescência e primeira mocidade – barro molhado – longe dele, quando dele mais carecia. Estudante, fui vadio e bagunceiro. Logo, não fui um bom filho – tendo disso consciência e remorso.

Era um homem austero, de sobriedade espartana, sociável, força de vontade invulgar e resignação. Atencioso, gostava de ouvir os jovens. Disciplinado e intolerante com os preguiçosos e gastadores. Asseado – nunca o vi, mesmo depois de cego, com a barba por fazer. Sombra de oitica de todos nós nas dúvidas, dívidas e dificuldades. Desorganizado com papéis e de extrema inabilidade manual. Nunca o ouvi sequer solfejar, ou mesmo assobiar. Tinha rédeas de um Marialva – e quem disso entende sabe que não é comum.

A política o apeou do governo e o exilou por uma revolução que não era do seu estado, e sim nacional. Trucidaram o filho que mais queria. Depois, já no fim, as trevas do glaucoma. Mas nunca se deixou abater. Para muitos outros e para o mundo, ele se foi naquele 1956.

Depoimento detalhado: “Juvenal Lamartine, o meu pai”, escrevi na publicação *Juvenal Lamartine de Faria, 1874 -1956*, Natal, FJA, 1994.

Mas louvar os meus próprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja.

SN – Quais os momentos inesquecíveis que tem de seu pai, Juvenal Lamartine, de volta do exílio, depois cego, sem reclamar de ninguém, da vida, nem da doença?

Não me agrada – é que ainda dói em mim – esse relembrar. Fui mau estudante, vadio e bagunceiro e isso somado a algumas contrariedades não fizeram de mim um bom filho – como já disse para trás.

Dele, tenho em mim momentos que me estontearam: quando Olavo – meu irmão mais velho – reclamou de sua resignação na cegueira.

– Também você nem sequer pragueja, para aliviar!

Serenamente respondeu:

– Não pensem que é fácil. Quando compreendi que teria de viver nas trevas decidi que teria de ser assim. Reclamar, não devolveria a minha visão e infernaria a vida de vocês.

E comovia vê-lo cego, em sua burra de sela seguir a do cavaleiro-guia, o velho Pedro Ourives (1878-1964), pelos caminhos da fazenda.

Sabia das ingratidões e fraquezas das pessoas quando da revolução de 30, mas nunca disso se valeu ou sequer deixou transparecer.

Acode também lembrança a proposta de um sentenciado à pena graúda: “...abasta um agrado para a minha família e eu cuido de Rangel mais Zé Galdino” (os assassinos de meu irmão Octávio, que cumpriam pena).

E por que não cobreí dele (?)

– Isso não devolveria o meu filho e seria o mesmo que arre-medá-los.

AS – Sua mãe era sertaneja, também, como a minha? Como era a figura dela?

Falar de mãe é uma forma de rezar. Evocadas pelos filhos, são favos de jandaíra. A minha chamava-se Silvina (Acari, 1880 – Natal,

1961) era a filha caçula do Cel. Silvino Bezerra de Araújo Galvão (1836-1922), chefe político de Acari, 52 anos de mando-mansoso sem perder eleição. Dizem os contemporâneos que foi uma das sertanejas mais bonitas de sua época e tenho dela um retrato que confirma. Acreditem, essa minha feiura vem da banda de meu pai – dos Faria. Teve apenas a instrução das primeiras letras, mas as cartas que guardo dela mostram que dizia o que queria com correção e clareza. Criou dez filhos – 5 homens e 5 mulheres – naqueles sertões do seu tempo e só veio residir em Natal já no fim da primeira grande guerra. Vivia para sua casa e seus filhos. Caseira. Com obsessão de ordem e limpeza. Para ela, uma boa dona de casa tinha de ser limpa, trabalhadeira e econômica. Católica-doméstica, isto é, sem ser barata de igreja. Nunca saiu de sua boca um disse me disse. Quando moça, “arranhava” um violão e cantava as modinhas da época. Tinha boa voz. Lembro-me que minha mãe cantava a “Corujinha” para eu dormir, e me dizia que tinha aprendido, quando menina no Acari.

Corujinha, que anda na rua,
Não anda de dia,
Só anda de noite
às Ave-Maria.

É o início do hino de guerra de Jesuíno Brilhante, o cangaceiro gentil-homem, o mais notório do século!

Minha mãe era uma mulher sofrida, “viúva” que foi de sete legislaturas encarrilhadas do marido. Na revolução de 30, em Macau, um revolucionário de uma coluna disse para ela: “jogaram bola com a cabeça de seu marido”.

E em fevereiro de 35, trouxeram para sua casa o corpo do seu filho Octávio, assassinado. Naquele mesmo ano perdia Elza, a filha caçula.

Era uma dor silenciosa, travada, sem gritos nem imprecações. Entrava dia e saía dia beliscando a comida, soluçando, o olhar parado e distante. Rezando.

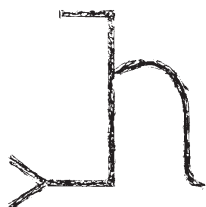
Mãe é mãe, mesminho uma rosa é uma rosa. Há um mundo de imprecisas definições para elas – da mais doce, mística, romântica e biológica à mais impiedosa que diz: é uma mulher que passa nove meses aleijada e o resto da vida doida...

VM – Tirante a sua, qual seria a marca de gado mais bonita que você conhece? Qual o risco dela?

O caixão-da-marca paterna:



E a avoenga materna:



Mas é preciso que se diga – são figuras que espio derna que me entendo de gente. Aprecio e não sei justificar por que, a simplicidade das linhas das runas. Mas nunca tive quem me orientasse na estética delas. Não sei dizer por que gosto. Talvez a deformação do condicionamento já que ele nos faz acreditar que a nossa bandeira brasileira é a mais bonita (!). Já viu alguma mulher bem-vestida de verde e amarelo?

NC – Qual a razão dos seus cachorros se chamarem Parrudo?

Sempre que pegava um cachorro para criar, minha mãe dizia:

– Bote o nome de Parrudo que era o cachorro de papai. Daí os Parrudos de minha vida: vira-latas, *schнауzer*, *beagle* e paulistinha.

CG – Onde fez os primeiros estudos?

Desasnado pela professora Belém Câmara (Av. Rio Branco, próximo à esquina da Ulisses Caldas). Estudei ainda com Eliseu Viana, Manoel Varela e Júlia Barbosa, antes de me matricular no Colégio Pedro II, de Severino Bezerra.

Depois de 3 de janeiro de 29, aleijado da alma, pelo acidente com arma de fogo a Ferdinando Dantas – mesminho Zé Lins do Rêgo –, fui interno no Ginásio do Recife do Pe. Félix Barreto e de lá para o Instituto Lafayette no Rio de Janeiro (R. Hadock Lobo, Tijuca). Em 1937 ou 38 – já não me lembro mais direito –, é que fui para a Escola de Agronomia em Lavras/MG.

Há uma curiosidade a registrar. Quando no Pedro II, em Natal, o “prefeito” (uma espécie de fiscal de disciplina) era o nosso saudoso Manoel Rodrigues de Melo, depois pesquisador maior, escritor e presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras. E, no Ginásio do Recife, fiscal e professor de História Universal do 1º ano, Álvaro Lins, vulgo Cara D’água pela meninada, depois embaixador do Brasil e o nosso maior crítico literário.

Fui aluno razoável até o Ginásio do Recife. No Rio, tive de enfrentar turmas de 40 alunos – duas vezes mais que em Recife e cheguei atrasado uns 15 dias. Todos os anos, “pagava” uma 2ª época... Fui aluno de Oto Nogueira Pinto, tido como um dos maiores professores de Matemática e dela meus conhecimentos não vão além das 4 contas...

VR – E como eram os dias de calouro vividos por você em Lavras?

Na Escola de Agronomia de Lavras/MG que conheci – falo da velha, presbiteriana, pequena e humilde, onde éramos uma família –, o trote era diferente dessa bestialidade que frequenta o noticiário de agora.

A Comissão de Trote (veteranos com representante calouro) redigiu o Código do Calouro. Dele ainda lembro alguns artigos.

Art. 1º – Em hipótese alguma serão aceitos trotes que possam ofender física ou moralmente o feto-calouro, mesmo porque ele será o veterano de amanhã.

Art. 2º – Contaminado ainda da imaturidade ginásiana, é necessário que seja identificado, de modo a não poluir augustos veteranos. Assim, é obrigado a manter a bainha da calça de uma das pernas com duas dobras.

Art. 3º – É o calouro expressamente proibido de falar com qualquer mulher (mesmo pessoa da família), podendo fazê-lo mediante licença, diária ou permanente, no valor de “x” e “z”.

Parágrafo único – Com os valores arrecadados, a Comissão financiará o Baile do Quebra-Cabresto na noite de 13 de maio quando à meia-noite, após solenidade de transição, serão todos considerados augustos veteranos.

Art. 4º – No refeitório da Escola ou em mesa compartilhada com augusto veterano, o calouro terá de solicitar os diferentes pratos pelos respectivos nomes científicos: Ex. *Phaseolus vulgaris* (feijão), *Oryza sativa* (arroz) etc., ou ainda não sabendo, pelas famílias dos mesmos: leguminosa, gramínea...

Esses são os que me acodem agora. As desobediências eram punidas com “contribuição” para o Baile ou castigos. Lembro de um, de boa voz, que teve de fazer três serenatas no dormitório dos veteranos, ou o encarregado de despertar um veterano dorminhoco para ele não perder a primeira aula da manhã. E também dum magricela, a fazer, todas manhãs, vinte minutos de ginástica.

Quanto à proibição de falar com mulheres (art. 3º), foi não foi, uma moça da cidade pagava uma permanente para o seu namorado.

Tem ou não tem razão Fernando Pessoa quando confessa: “Eu amo tudo que foi / Tudo que já não é...”

VR – O prof. Sinval Silva, em Lavras, dizia que a Missão teve, em certa época, pensado em se fixar aqui no Rio Grande do Norte. O que sabe disso?

Essa história conheço meio pela rama. Parece que foi no início do século. O Velho era deputado federal e, de acordo com o governador do estado, tentou atrair a Missão presbiteriana para os nossos chãos. Eles tinham se instalado em Lavras/MG, com o Ginásio (masculino), Colégio Carlota Kemper (feminino) e a Escola Agrícola (superior); em Juiz de Fora, com o Instituto Grambery, e em São Paulo, com o Mackenzie. Uma comissão constituída pelos professores Charles Knight, Sinval Silva e um terceiro, que não guardei o nome, andou por aqui examinando algumas áreas tendo se agrado de Jundiá (Macaíba). Tudo acertado, o nosso bispo procura o governador se dizendo preocupado com futuras desavenças religiosas (!). O governador recua! O Velho, contrariado, encaminha filhos (Octávio e Clóvis), sobrinhos (Garibaldi, Vinícius e Cristovam) e filhos de amigos para estudar em Lavras. Em 1917, “somos mais de 20” – escreveu Garibaldi. Parece ter sido o início do êxodo papa-jerimum para as alterosas.

VR – Lembro de você nas quadras de esporte da ESAL e de um seu retrato nas pistas de atletismo. Fale disso.

Não acredite em tudo que vê nos retratos. Fiz esporte como quase todo jovem: peladas, basquete, remo, corrida, tiro ao alvo

e xadrez – e nunca me distingui em nenhum deles. Na escola de agricultura (Lavras/MG), corria 800 e 1500 m, mas sempre fui “tocador de boiadas...”.

A única olimpíada em que subi no pódio foi aquela em que todo vivente é vitorioso – a que se vence como espermatozoide.

NC – O que acha desse mundo de agora?

E adianta achar? É isso mesmo. Está tudo diferente. A gente não pode querer que ele esbarre. Compensa estar cada dia mais mouco e de vista mais curta para não assistir essa terraplanagem cultural. Sua Majestade, a eletrônica, o laser e o genoma estão virando tudo pelo avesso. Parece que, se demoro mais por aqui, vou terminar em um museu. O mundo foi e sempre será assim. Modéstia à parte, vim de tempos mais silenciosos, simples e tranquilos. Lembro que os de minha geração ainda ouviram Catulo poetar:

E demos um pouco de trégua
A tanta coisa estrangeira
Qu'essa terra brasileira
Tem muito, e muito que dar.

Esbarre com essa perguntação, Natércia. Tem ainda aí um magote de amigos esperando a vez deles e eu também já estou me sentindo meio acuado. Depois de tudo isso, você ainda pensa em chamar essa inquisição de *Conversa no alpendre*?! Chame de *Emboscada em alpendre*, q'ê muito mais acertado. Olhe, deixe para mais tarde essa nossa conversa, como fazemos todas as noites, de-

pois das 9, quando eu ligo 085 – Fortaleza – e aí é a vez de se cochichar até a hora de pegar no sono...

AS – Meu caro amigo e primo – Falo mal dos jornalistas por me fazerem perguntas repetitivas e acho que você vai me dizer o mesmo de mim: pois já deve ter ouvido milhares de vezes [...]

É mesmo. Elas – as repetitivas – fazem parte dessas inquisições. É o jeito, de vez que uns não sabem o que já foi perguntado. Vosmecê que chegou no “assoprar dos candieiros” teve duas de suas perguntas já respondidas: a sobre o meu pai e a dos autores das primeiras leituras. Mas, vamos às outras.

AS – Comecei a escrever aos 12 anos, e você?

Parece que a primeira heresia foi por volta de 1939, já com uns 20 anos, de barba na cara. Uma lenga-lenga sobre atletismo que pouco tinha de meu. Esse meu gaguejado das coisas do sertão veio depois, por conta do convívio com velhos sertanejos, com o meu Velho, e a conversa evocativa dos amigos dele quando o visitavam nos anos de cegueira.

AS – Estive em Natal pela primeira vez em 1930, como exilado e refugiado político. Os Suassunas foram protegidos, então, pelo governador Juvenal Lamartine. Pelo que sei, a casa em que ficamos, em Natal, pertencia a sua família e ficava perto do mar. Você se lembra dela? Ainda está de pé?

Naquele 30, eu era menino-amarelo, de calça-curta... Daí fui me valer dos mais velhos, esquecido que sou um deles. Muitos já se foram com a Caetana e alguns que restam “sabem de tudo, mas não se lembram de nada”. Apenas uma cunhada minha, Nasinha Lamartine, com 85 anos, lúcida e de excelente memória, afirma ter visitado Dona Ritinha, sua mãe, em companhia de minhas irmãs, na então R. Cel. Pedro Soares, atual João Pessoa, esquina com a Felipe Camarão. A casa era residência do Engenheiro Júlio Rezende, casado com minha prima Beatriz, filha do historiador Manoel Dantas.

Dessa casa, também lembro eu, com terraço lateral, onde, às tardes, religiosamente, Dr. Rezende jogava uma partida de gamão com Genésio Cabral, ajudante de ordens do governo. Esses detalhes ficaram em mim porque vivia por lá, de vez que o filho do casal, Petrônio, foi meu grande companheiro de infância. A casa foi demolida, o local, no momento, é um terreno vazio para estacionamento de automóveis.

Mas esse endereço é no centro da cidade e a única casa de meu pai próxima ao mar era na Praia do Meio (antiga do Morcego). Agora, com sua vinda a Natal (6/nov.), tudo se esclareceu. Vocês, da R. Cel. Pedro Soares, foram para nossa casa da praia, na pequena península (Ponta do Morcego), onde hoje funciona a Peixada da Comadre. Era a última, à direita, de um conjunto erigido pelos Palatiniks. *Ali se acabava o chão e principiava o mar.* Nas grandes marés de janeiro, o rebentar das ondas nas pedras borrifava água nos alpendres. Isso vimos e conferimos juntos nesse novembro fim de milênio.

CNJ – Como você vê a Natal de hoje, em relação à Natal do Rio Grande de sua juventude?

A saudade é trançada com fios de cabelos brancos. Daí o meu desencanto desse Natal estrangeiro. O mesmo vocês vão dizer daqui a 60 anos. É o pedágio da saudade.

Andava-se de bonde ou a pé naqueles idos. É que os nossos limites urbanos se findavam no Alecrim e Aeroclube. Os veículos eram pouco confortáveis e ronceiros, mas tinham um certo charme. Lembro-me de um caminhão com buzina de teclado solando Asa Branca e Juazeiro. Em 1935, o Serviço de Trânsito intimou um proprietário a mudar a buzina sonora de sua baratinha que “dizia”: “eu sou perré...”. Perré era abreviatura de perrepista – partido de oposição... Nas viagens, a preocupação era ultrapassar o veículo dianteiro para assegurar o socorro na eventualidade de uma pane.

Os rádios mais modestos pegavam a BBC de Londres com magníficos programas dirigidos à América Latina.

Poucos e precários eram os telefones. Logo, uma coisa e outra nos obrigava a andar mais a pé. Éramos mais saudáveis.

Ia-se, democraticamente, pela manhã cedo, ao mercado onde nos abastecíamos de alimentos e notícias. À noite, no Grande Ponto – herdeiro urbano do Café Avenida –, havia grupos de conversa sobre caça, pesca, política, vida alheia, futebol, festas etc.

Rapazes das melhores famílias jogavam futebol no América, ABC e Alecrim e remavam no Centro e Sport.

Visitava-se. Conversava-se. Isso foi bem antes da TV e da “idade das novelas”.

A gente não renegava o chão. Morava-se melhor – em casas com quintais. E menino que teve infância em quintais, com mangueiras e cachorros, dispensa divã de analista. Vocês podem dizer que em apartamento também pode se criar cachorro, e eu acrescento: só dois bichos, incluindo o homem, podem ser criados em apartamento sem ficar neuróticos: barata e peixe de aquário.

Não esqueçam. Vocês que se deixaram seduzir por essa arquitetura de maribondo – uns sobre os outros. Vocês aí do último andar. Vocês que fizeram do Potengi, onde se pescava tainha, essa cloaca fétida e nojenta. Vocês que cortaram mangueiras para construir essas chocadeiras climatizadas. Vocês que emporcalharam os horizontes da capital nordestina de mais bela topografia. Lembrem-se do velho Braga em *Ai de ti, Copacabana*: “pois em verdade é tarde para a prece...”. E ela, Copacabana, não é construída sobre fenda geológica ativa, como afirmam os geólogos.

VM – Em 30, você tinha 11 anos de idade. Tem lembranças daquele tempo?

Tenho muitas. Se pergunta dos dias da revolução, lembro que estava no Colégio Pedro II, do Prof. Severino Bezerra, quando o motorista veio me buscar. Espantei-me com a nossa casa dura de gente. Solidariedades! Tinha deles que arregaçavam as mangas da camisa e batiam no braço, dizendo a meu pai: “Esse sangue aqui é para derramar pelo senhor”. E, no dia seguinte, em passeata, ga-

niam envoltos em vermelho. Deixei de confiar no vermelho das revoluções – é cor que desbota. E eu tinha onze anos quando vi os homens pelo avesso...

Meu pai com meus irmãos, Octávio e Olavo, embarcaram no paquete Itanajé nos rumos do Ceará, em busca do presidente de lá, Matos Peixoto. Eu, Tereza (que me criou), minha mãe e irmãs (Elza e Paulina) seguimos, em carro de linha, até Eptácio Pessoa, atual Pedro Avelino, e dali, em automóvel, para Macau. Ficamos na casa de minha irmã Juracy, casada com Miguel Cariello. Lá, amargamos a humilhação das passeatas e “enterros” cantados com paródias insultuosas. Ainda ecoam em mim pedaços delas:

Fala, língua-de-sola
Acabou-se o tempo da virola

Ou o hino de João Pessoa, prometendo: “...toda a Pátria / espera um dia / a tua ressurreição”.

Ainda em Macau, por duas ou três vezes, a casa madrugou cercada. Batiam na porta, mandavam as mulheres se compor, e davam uma *corra* à procura de meu pai que diziam ter sido visto, disfarçado de mulher, entrando em casa. De uma outra vez, quando fomos “visitados” por uma coluna, um jovem revolucionário disse para minha mãe: “Jogaram bola com a cabeça do seu marido...”. E por dias e dias ela chorou... Foi tempo duro e amargo para os mais velhos. Nenhuma notícia de meu pai. Tudo se imaginava e para tudo se rezava. Até que um dia, seu Pascoal, pai do meu cunhado, recebeu um misterioso e enigmático telegrama: “Preço

do sal estável”. Assinado por remetente desconhecido. Deduziu-se que era de meu pai. Estava vivo.

Eu, menino, não participava muito de tudo isso. Tive ecumênicos amigos e ali aprendi a andar de bicicleta e tive uma loura namorada – Dorinha Teteu...

AS – O que espera do nosso país e do seu povo para o século que vai começar?

Isso é pergunta que se faça a um leso que nem eu?! Imagino que vem por aí uma febre de irrigação de esverdear a caatinga. Receio o mau uso da água salinizando os chãos e o verde-lavoura se fazendo em verde-pirrixio. Dizem que a engenharia genética vai criar bichos-máquinas de produzir, onde a cruza de jumento com ema será brincadeira de menino-amarelo.

E prometem mais: a programação do bicho-homem, com talentos em todas as áreas de conhecimento, capazes de sanear os meios de comunicação, produzir políticos criteriosos e juízes honestos, sem falar no expurgo dos padres de passeata.

Gente da minha inutilidade, nem pensar, e os que vingarem, serão castrados na folha. Eu mesmo, nem me bate a passarinha, de vez que há um tempão já caí no sorteio da Caetana. Se ainda vagasse por aqui, ia mesmo era para o Reino Encantado do Equador, onde a constituição é a *Missão Abreviada*. Para os que não sabem, na cartografia antiga figura como São Saruê. O genial Manoel Camilo dos Santos que por lá ciganou: “por ordem do pensamento

/ fui conhecer o lugar”, dele fez relato clássico naqueles idos, de fazer inveja à *Viagem Philosophica*, de Alexandre Rodrigues Ferreira, em fins do séc. XVIII.

E lá, no Reino do Equador, “sou amigo do rei”. Não se adocece do juízo ou fica capiongo. O divã de analista onde tratavam do mal triste levou fim. Agora tem meizinha de maior valia para quase tudo o que é de achaque. Tudo se trata e cura com cafuné em rede na fresca do alpendre. De longe, vem o bater espaçado do chocalho da vacaria de volta ao curral e o canto-chão do aboio em gogós sertanejos de Paul Robeson e Yma Sumac.

E não adianta pedir melhor a Nosso Senhor, que Ele não tem pra dar...

Mas, voltando a sua pergunta dos começos, de vez que me perdi em coceiras de *imbigo*, se essas promessas dos homens de ciência não forem que nem as dos políticos, é bem capaz da gente tomar jeito de foice. Mesmo porque, se tudo gorar, só nos resta a receita de Millôr Fernandes: “...devolver para Portugal e pedir desculpas”.

Espie só, Ariano, me emboscaram nesse alpendre e como vosmecê não ignora, “...carregado canta o carro.”

Aqui nos apartamos, mas se um dia vosmecê fizer um malfeito – só corre até onde eu estiver. De lá em diante, a gente corre junto. Pois Deus é grande, mas o mato é muito maior e adonde se acabam as terras de Nosso Senhor começam as de Nossa Senhora.

CNJ – No Sertão velho, a Morte é a Moça Caetana, mulher bela e cruel [...] visão de bela mulher do Romanceiro Ibérico. Quanto ao nome de Caetana, cheguei a sugerir *catana*, espécie de facão (?) O que sugere?

Penso que já ouvi cantar esse galo, mas o cão é quem se lembra aonde (?)

Catana é, pelo que dizem os escritos, que nem um alfanje, talvez mais parecido com aquela estrovenga dos desenhos d'Ela mesmo, a Caetana.

E se a gente enveredar por aí, vosmecê tem razão, talvez se explique e justifique até pela presença lusitana no oriente (!). Se não, para mim é só um falar, um pode ser, mas sem aquela certeza de prego batido de ponta virada.

Fica a dúvida e a pista para os rastejadores de agora...

VM – E Câmara Cascudo, já se lhe deu a dimensão que tem?

Creio que não, de vez que não se mede um gigante com polegadas.

NC – Como era Câmara Cascudo para você?

Ele segurou no estribo para um magote de gente se amontar. Espiem o mundão de prefácios que assinou. Eu já disse um dia que: “se Deus mandar outro dilúvio, na banda da arca que tocar ao Rio Grande do Norte, abasta botar um macho, uma fêmea, e os escritos do velho Cascudo – que o resto afunda –, mas não tem quem acabe a história”.

Não deixava carta sem resposta. Eu mesmo ajuntei algumas delas e entreguei a Woden Madruga para publicar. Nelas se lê o adjutório que dava a todos os que subiam os degraus de sua casa ou lhe endereçavam perguntas.

Era um homem bom. Generoso, amigo e completamente destituído do pior dos defeitos da espécie humana – a mesquinha.

NC – Cascudo em diferentes momentos escreveu: “Oswaldo Lamartine, esculpido em pau-ferro, ágil por dentro e por fora, depositado num banco em vez de estar numa cátedra”. Por quê?

Cafuné de tio-velho em menino arteiro.

AS – Tendo, como a maioria de nós, a formação ambígua, você é mais urbano ou mais rural?

30 – a revolução – me rebolou em colégios internos de onde só regresssei em 41. De 1941 a 1955, i. é, 14 anos, vivi em fazendas ou com atividades ligadas à terra. Estudei na Escola Superior de Agricultura, Lavras/MG. De 1955 a setembro de 1979, estive depositado no Banco do Nordeste, mas, para felicidade dele e minha, nunca exerci atividade operacional.

Vivi um bom pedaço de vida no asfalto, mas sempre me escapulindo para o sertão. Por mais impermeável que a gente seja, sempre se lambuza. Mesmo assim, sou, pra que negar, um bicho do mato. Daí ter ficado assim marginal que nem prostituta que deixou a zona – nem a sociedade a recebeu e nem a zona a quis de volta...

WM – Você foi funcionário do Banco do Nordeste. O que danado fazia num banco, logo no BNB?

Administrava o Núcleo Colonial do Pium do Ministério da Agricultura, quando passou por Natal a comissão incorporadora do BNB. Fiz entrevista, estágio e exame, e me fiz bancário em busca de estabilidade, pois tinha mulher e dois filhos para cuidar. Em Fortaleza, servi como auxiliar de assessor na Direção Geral. Transferido para o Escritório Rio, atendia solicitações da Presidência, cuidava das publicações (o Banco ainda não tinha gráfica), coleta de estatísticas, informações sobre o 34/18 que permitia deduzir IR para aplicar no Nordeste etc. Qualquer tarefa longe do “deve & haver”. Jamais lidei com cifrões, “a hóstia infame de Satanás, o excremento do Diabo”, no dizer de Papini.

NC – É verdade que planta árvores em homenagem aos amigos?

É uma forma de orar para quem não sabe rezar com palavras. Veja que a gente fica de joelhos para plantar.

Em Itaipava/RJ, onde tive um lenço de chão, plantei árvores em homenagem aos meus mortos. E ainda hoje daqui dessas lonjuras, sou capaz de identificar cada uma. Sei onde está o pé de sibipiruna de meu pai, os angicos de minha mãe e Tereza (minha babá), o ipê amarelo de Hélio Galvão. Arsênio Pimentel e Érica, filha dele, Isadora e Ludy em araucária. Zila Mamede, Luís Tavares, Leonardo, Zé Gonçalves e Armando Viana, *pinus elliottii* e *thaeda*. Guilherme Azevedo em bordão-de-velho, José Braz em piquiá, o Cego Lula (Luiz Maranhão Filho) em pinho de Riga, além dos

irmãos e tantos outros amigos que, nas minhas insônias, ainda daqui os cultivo.

Tenho retribuições. Sou algarobeira na Fazenda Saudade (Serra Negra/RN), semeada por Ramiro Monteiro Dantas (1912-1997). Em chãos, da ESAM, por determinação do então diretor Vingt-Un Rosado, um bosque de pau-brasil. Daí o esforço de crescer vertical, aninhando pássaros e me fazendo em sombras para acolher amigos. Ia esquecendo de dizer: as vagens do pau-brasil são espinhosas e em sua copa pode se acoitar *tapiucabas*.

RQ – Cada um de nós, gente sertaneja, tem um certo pegadio vegetal. Dê por visto o cajueiro de Humberto de Campos, o de Juvenal Galeno e o tamarino de Augusto dos Anjos – só para lembrar esses três. Junto à casa de Não-me-deixes cresce, cuidadas e zeladas, vergônteas de jucá entrançadas. Qual o seu?

Ao lado da casa do Ingá, no município de Acari, naquele chão raso, quente e pedregoso, uma irmã de meu avô Silvino (1836-1922) plantou um tamarino. Imagino a trabalhadeira que teve para fazê-lo entranhar raízes e crescer naquelas areias. Mas ele respondeu, estendendo galhos para os céus e se fazendo árvore. E nela se aninharam pássaros. Em sua sombra, meu avô amarrava sua montada, meu pai, a burra Melada, e meu irmão Octávio, o burro Cigano. Na sala da casa ao lado, minha mãe, jovem mulher, costurava e me dizia ouvir o canto do pássaro vem-vem anunciando o regresso de meu pai. Preso aos seus galhos, vi o vaqueiro Zé Firmino matar e esfolar um carneiro (Aqueles olhos numa

cabeça descarnada parecem que ficam espiando para a gente...). Aquele velho tamarino teve seus momentos de glória vegetal – talvez no inverno – dilúvio de 1924. Os ventos do boqueirão da Serra do Bico sopravam pelas suas folhas e, daquele alto, ele assistiu mudança de mandos – da monarquia à república. Agitações e marasmos. Muitas secas e alguns invernos. Casais que se aninhavam. Risos e lágrimas. Berros de dor e gritos de alegria dos que chegavam para a vida. Enterros que saíam. Em 1935, um caminhão carregado de bandidos cruzou na sua frente, passou a porteira do poente, parou, e dele desceu o Ten. Oscar Mateus Rangel, José Galdino, Albuquerque e vários cabras. Octávio, meu irmão, os recebeu como tinha chegado do campo, ainda trajando guarda-peito e armado de inútil *habeas corpus*. Ali, no alpendre, eles o mataram, arrancado dos braços da mulher e na presença de três filhos pequenos. Ele, Octávio, que fez construir em derredor de sua copa uma mureta de pedra-seca e aterrou com solo da várzea e adubo. Você, tamarino, tudo assistiu sem nada poder intervir, nem sequer depor. Apenas seu inaudível grito vegetal de revolta.

NC – Quais os cantos de trabalho que ecoam em suas lembranças?

Na seca de 32, quando da construção do Itans (Caicó/RN) os cassacos da pedra se valiam de cantos rítmicos, a fim de “fazer a pedra mais maneira”.

Os cassacos da pedra com o coco “Malhadô” e os da terra no “Tamanqueiro”:

Ô máia, seu máia
Ô máia, maiadô, vamo maiá, seu máia.
Vamo maiá, segundo a marcha do tempo:
é roda-pé, cama-de-vento,
é ferro-novo de engomá...

Ôi tamanqueiro
eu quer'um pá,
quer'um pá.
Eu quer'um pá
de tamanca prá dançá...

Cassaco, deixe eu explicar, eram os trabalhadores nômades das construções públicas (açudes, estradas de ferro ou rodagem etc.). Muitos com especializações diversas consoante os trabalhos que faziam.

PL – Conte aquela explicação do mais pesado que o ar ouvida no campo de pouso em Barra do Corda/MA.

Em 1951-2, trabalhava no Serviço de Colonização do Ministério da Agricultura – Colônia de Barra do Corda/MA, no centro do estado, cerca de 450 km da capital. O campo de pouso era em terras da Colônia e a Aeronorte ali escalava, semanalmente, com bimotores. Electra e Príncis de 8 e 10 lugares.

Naquele dia, vi dois sertanejos amarrarem suas montadas à sombra de um cajueiro e, desconfiados e curiosos, se aproximarem do abrigo.

O avião fez a aproximação, aterrisou, taxiou, e dele saltaram passageiros, malas, bolsas, cestos, perus, máquina de costura e toda a catrevagem de bagagem daquela gente. As caras eram de espanto (!). Cochicharam não sei o que e tomaram chegada, espiando de perto, tocando e até tentando aluir o aparelho. Voltaram para a sombra. Me encostei neles, me fiz de distante, e abri as oíças (naqueles tempos eram ainda boas). O comandante voltou à cabine, subiram os passageiros, aeronave na cabeça da pista, aceleração, corrida e decolagem. Aí um disse para o outro:

– Compadre, cumá é que aquele condenado assobe cum todo aquele peso?!!!

– E você não viu? Ele toma carreira desembestada inté faltá terra nos pés...

Estava explicado. Por que Santos Dumont demorou tanto para entender uma coisa tão simples?...

CAL – Pai, somos, não há como negar, reconhecidamente distraídos. Sei que você não fica atrás. Como convive com essa leseira e o que de mais sério tem lhe causado?

A leseira é típica dos Faria. Está presente em mim onde, às vezes, chega a ser vexatória. Quando do lançamento da 2ª edição do *Vocabulário do criatório*, insisti com a Fundação José Augusto para trazer o agrônomo Sérgio Azevedo. E assim foi feito. Sérgio é filho do meu parceiro no livro – o saudoso e querido amigo Guilherme de Azevedo (1925-1985), que tingiu de verde-algaroba os nossos sertões. E, como o pai, é um excelente profissional e amigo.

Ele ficou ao meu lado por toda a noite de autógrafos. Acreditem! Não passei para ele assinar um só livro! E tem mais, só dias depois é que me dei conta do vexame, vergonha e grosseria...

NL – Quando da reunião da família Faria, em 1999, você retratou os nossos traços dominantes. Ainda se recorda?

Tentei ser preciso e justo. Creio que não fui injurioso. Em poucas linhas, e refugando as louvações de nomes e feitos de alguns notáveis, “...pois louvar os meus próprios arreceio”, como poetava o divino Caolho, que disse: “da crônica feiura nossa, traduzida pelos cabelos finos, escorridos e ralos; da pele feia – páli-da, sardenta e espinhenta; da voz nasalada e da magreza-lazarina”. Ressalvei que, a despeito desse rosário de mazelas, as mulheres, generosamente, confessavam que tínhamos um certo visgo. E falei delas, da grandeza de uma, que deixou o conforto, o convívio e a família para se amoiatar num rancho, em cima da serra, em busca da saúde do seu homem. Creditei que não somos indiferentes aos livros, deles alguns tendo feito degraus na escada da vida.

E, por derradeiro, discretamente confessei, quase em cochi-cho, os caminhos da nossa perdição: baralho e rabo de saia...

DCL – Que circunstâncias deve ter o colofão? E qual o colofão de Oswaldo Lamartine?

Entendo que é a latitude e longitude de cada um, relativas a um “mapa”. Desconfio que vocês o imaginam em estilo clássico, ornado de belas capitulares e vinhetas, em papel artesanal do oriente

– enfim, tudo o que se espera de um livro de arte, raro. Estão todos completamente areados. Nada tenho de diferente. Sou, como poetava Paulo Mendes Campos: “restos de um menino que passou...”.

VM – Qual seria o mais antigo açude do Nordeste? Como seria a açudagem de antigamente?

Do Nordeste, o diabo é quem sabe. Aqui, do nosso estado, creio que é o do Recreio ou da Velha Merênciã (Emerenciana) em Caicó, de 1842, com capacidade aproximada de 1.500.000 m³. Isso quem me disse foi José Augusto (1884-1971). A parede, em lombo de peba, foi levantada em arrastão de couro de boi. Foi o que apurei quando da pesquisa *Açudes dos sertões do Seridó* (1978).

LP – O nosso querido e saudoso Arsênio Pimentel, que inventava versão brincalhona de tudo, dizia que Armando Viana e você tinham recolhido um marechal do ar, náufrago nos mares de Ponta Negra! Como foi isso?

De verdade, apenas a minha grande saudade deles dois.

Fui apenas um platônico pracinha daquém mar. Não fiz pontaria em ninguém, nem também fizeram em mim. Sei que russos e alemães perderam 200.000 homens somente na batalha de Stalingrado. E a nossa Força Expedicionária (FEB) uns 450. Eu era o praça 1918, depois cabo e sargento, promovido sem o mais remoto ato de bravura. A III Companhia de Metralhadoras do 16º Regimento de Infantaria, onde servi, foi deslocada para guardar o litoral. Rendemos o II Batalhão acampado em Ponta Negra. Na-

quele recanto de praia, ficava o QG e dali até Ageana (imediações do atual restaurante Abade) era uma cidade de barracas ligadas por trincheiras em zigue-zague. Mais acima, o Grupo de Artilharia de Dorso e, nos pontos mais altos dos morros, os postos de observação com soldados de binóculos e telefones de campanha. Disciplina rigorosa. À noite, ninguém fumava ao ar livre, de modo a não denunciar a presença da tropa. Depois das 18 horas: sentinelas, senhas, contrassenha e ronda. Foram os mais saudáveis dias de farda com muita manobra, combate simulado, exercícios de tiro e nenhum ferimento à bala. As baixas ao hospital corriam por conta da temida ração de guerra e das líricas venéreas, comuns aos exércitos de todas as terras.

Naquela tarde, maré-cheia, pegávamos cavalete: eu, Armando Viana, José Garcia e Dumaresq, se bem lembro – quando o sentinela deu o alarma! O capitão Arthur Carlos Tricta passou a cavalo, ordenando: “Sigam-me!”. Uns 300 metros ao norte de Ageana, o mar quebrava diretamente na barreira. Quando chegamos, já o soldado Heindenburgo Costa nadava puxando um bote salva-vidas inflável (Fomos ajudá-lo já com água na altura do peito). Nele, um cadáver em princípio de decomposição – um homem com lenço atado no rosto parecendo se proteger do sol. (Disseram depois chamar-se Artur Mills, aviador da Força Aérea Canadense.) Não deve ter morrido de fome, pois havia no bote restos de peixe. Trazia os documentos dos colegas mortos e jogados ao mar – é o que se deduziu. O bote foi esvaziado, nele envolvido o corpo e içado por cordas dos soldados que chegaram na barreira. Às tan-

tas, escorregou sobre mim. A pele já se desfazia como fruta podre. A carniça de um cristão fede igual à de qualquer bicho – acreditem. Levei dias para me livrar daquilo. O corpo foi conduzido ao QG e dali entregue à ambulância americana. Esse foi o cadáver dos meus dias verde-oliva...

LP – E os mortos daquele avião que caiu na Fazenda?

Aí eu já havia dado baixa e vestia paisano. Morava na Fazenda Lagoa Nova (S. Paulo do Potengi). Um Catalina caiu no cercado Riacho dos Paus na tarde de 10 de maio de 1944. Dez mortos. Todos mutilados, nenhuma cabeça. Imaginamos que fossem nove, de vez que encontramos 18 mãos. Alguns dias depois é que o vaqueiro Olintho Ignácio (1892-1946) deu com mais uma mão e a chapa de identificação: Calder Atkinson 77585 - BT - 1 - 25 - 43 USN - P. Era capitão de corveta, comandante do Esquadrão de Catalinas, sediado em Belém do Pará.

Posso detalhar tudo isso porque não faz muito tempo que tive de reconstituir o fato e enviar a chapa de identificação para a Associação dos Aviadores de Catalina da II Grande Guerra nos Estados Unidos (o nome pode não ser exatamente esse).

Uns dois dias depois os americanos vieram, exumaram os corpos do cemitério de Riachuelo e levaram para Natal. Queimaram o que sobrou de papéis e tecidos e dinamitaram os restos dos motores. Presentearam-me com a sucata que vendi a Joquinha (Joaquim Guilherme). E com esse dinheiro é que me casei...

RQ – Vi, na TV, uma vaquejada nos sertões. Mas não mostraram nenhum vaqueiro encourado! Por quê?

O que vosmecê viu, minha madrinha, é mutação das vaquejadas do sertão velho que eram realizadas depois das apartações, quando, encourados, se corria a bois erados, e, montando cavalos sertanejos.

Agora é diferente. Eles montam cavalo de raça americana – o Quarto de Milha. É um animal de belo porte, grande maneabilidade e arranque, de vez que foi selecionado para o manejo em 1/4 de milha, isto é, 400 metros.

É diferente do nosso piquira, retratado por Gustavo Barroso em *Terra de sol* – pequeno, feioso, de apurmos defeituosos, porém de grande resistência e sobriedade. Milhado no clarear do dia, campeia até o pôr do sol arroçado com um bisaco de milho. Desconhece o gosto da alfafa, da cenoura, dos concentrados e vitaminas de laboratório. Nos cascos deles, nunca se cravou uma ferradura – é artifício que o sertão da caatinga desconhece e o seu chão de pisar é espinhento, pedregoso, duro e quente.

Os cavaleiros dessas “vaquejadas” trajam liforme de caubói – das botas aos chapéus texanos – e não mais se ganha coragem com cachaça – agora é com o uísque...

NC – Que vem a ser esse Alfarrabistas do Indez da Ema?

Um arremedo-mirim do Clube dos 100 bibliófilos, que existiu no Rio de Janeiro, com Raimundo Castro Maia, Carlos Lacer-

da, Afonso Arinos e outros. Aqui, somos um terço. De tempos em tempos, será escolhido um livro de interesse do estado e de autor desaparecido e dele uma edição limitada, sempre que possível artesanal e ilustrada. Um exemplar para cada sócio e mais um para a Biblioteca Nacional – como manda a Lei. Depois, composição e matrizes serão destruídas.

Andei sonhando com isso ainda em companhia de Hélio Galvão. Mas ele se foi na frente e, somente agora, todos esses anos depois, estamos tentando chocar esse indez. E como todo indez, esse da Ema tem mistérios e encantamentos. Ainda mais que foi gerado no ovelho da mãe-terra, tanto é que pesa quase meia arroba.

Diante dele, a Doutora Juíza vai sagrar os cinco Cavaleiros da Ordem do Chocalho. Eles é que vão indicar sócios, livros a serem editados e cuidar de tudo, garantindo a duração até o papoco derradeiro do *big bang*... Tanto assim que a Doutora Magistrada dirá na sentença de cada um: “siga sua sina Fulano e se em algum momento a ele for falso à bandeira, que Deus lhe dê o sossego que deu às ondas do mar”.

VM – Qual a melhor décima de repentista?

São tantas, não só décimas, que nem me atrevo. Tem uma décima lírica, creio que de Bernardo Nogueira:

Nos tempos em que os ventos suís
Faziam estragos gerais,
Fiz barrocas nos quintais,
Semeei cravos azuis!
Nasceram esses tafuis,
Amarelos como cidro!
Prometi a Santo Isidro,
Com muita fé e fervor
Levá-los quando lá for,
Em uma taça de vidro!

Outras, me encantam, como a divisão geográfica (Gaudêncio Lima):

Deixo o Brejo pra legume
Pra criar boi o sertão,
Cariri Veio pra jumento
O Seridó pra algodão,
Pernambuco pra negócio,
Pajeú pra valentão.

Também o verso maior de ajuda mútua:

Bote no chão que eu amarro.
Derrube que eu faço esteira...

Ou essa lição de hidrografia que nem sequer sei de quem é:

É nas goelas da Serra do Teixeira
Que o Espinharas arrecebe o Enchimento,
Banha Patos, faz curva em Serra Negra,
Continua seu curso violento,
Faz a barra no Rio de Piranhas
Duas léguas abaixo de São Bento.

E esbarro com o verso-prece de Agostinho Lopes (1906-1972):

Eu peço a Nossa Senhora,
A Virgem da Conceição,
Pra conduzir essa nuvem
Na palma de sua mão,
E ir derramar essa água
No meu querido sertão.

SN – Por que o canto do tetéu nos lembra tanto a solidão da vida?

É que ele é a sentinela da nossa solidão (e bem mais atento que os gansos de Capitólio).

FPM – Qual a sua primeira espingarda de caça?

Não pense que me iniciei com as aristocráticas inglesas J. Purdy, Greener ou Holland & Holland de cabalísticas marcas de

prova. Delas, só muitos anos depois tomei conhecimento, apenas por curiosidade e culto.

O meu batismo com arma de caça foi com uma dessas espingardas sertanejas, anônimas e de origem indefinida, sem o mais remoto “pedigree”, apenas tida como precisa, “ajuntadeira” e de confiança.

Foi de 1932 para 1933, não sei direito, em férias na Fazenda Cacimbas (Serra Negra/RN), que meu irmão Clóvis (1901-1988) me entregou uma espingarda de encher pela boca (soca), um badaneco com chumbo, espoleta, pólvora Elefante, bucha de mororó e me explicou do uso e cuidados a obedecer.

Não cheguei a conhecer as afamadas espingardas que faziam o sertanejo bater nos peitos orgulhosos: “tenho u’a lazarina legítima de Braga”. Eram elas de encher pela boca (soca) longas, à moda armas mouriscas, e tidas como eficientes e precisas. Dizem que eram vendidas em caixas tendo gravadas *Lazarina legítima de Braga* – procedentes das oficinas do armeiro milanês Lazarino Cominazzo, em Braga/Portugal.

E por serem longas e esguias – lazarino ainda hoje se diz em todo o saartão da terra para designar pessoas altas e magras –, longilíneas. Em oposto, dizem comparativamente dos atarracados, torados no grosso: “...é ver um cartuchinho de pólvora Elefante”. É que a pólvora negra Elefante era comercializada em compactos cartuchos cilíndricos de papel...

NC – E como moravam os sertanejos?

Casas grandes de duas águas, erguidas mais para o meio das fazendas, não muito longe das cacimbas de beber, sempre *atrepa-das* nos altos e viradas para o nascente na defesa de todos os dias contra a quentura e o cangaço.

Pouco diferiam umas das outras. Alpendres, salas da frente, a dos homens e a das mulheres, corredor ladeado de quartos (o das moças sem janelas ou com elas gradeadas), sala de comer, passagem para a cozinha que se abria para um telheiro com forno, depósito de lenha e trempe para feitura de queijo. E tanto a sala de refeições como a cozinha abriam portas para área amurada com muros coroados de cacos de vidro, de onde se chegava para o banheiro e a comua que tomou lugar da secreta. Ali também costumava ter um pequeno quarto de depósito ou em mais espaçosa despensa, onde se costumava guardar mantimentos almocrevados de outras ribeiras.

Muito poucas tinham cubico – aquele quarto secreto de esconder gente, armas ou valores.

Cobertura de duas águas, telha vã, fresca e madeirame maduro, de miolo.

Alpendres espaçosos, acolhedores, onde se desenfadava das canseiras do dia. *Copiaires* das conversas sertanejas até a chegada do sono.

Paredes chumbadas como armadores que rangiam no pra-cá e pra-lá dos balanços. E quando mais numerosos, os donos pabu-

lavam: “...dá pra armar para mais de duas dúzias de redes!”. Nos armadores também penduravam cabrestos, encouramentos, chapéus, esporas, espingardas de soca e bisacos.

A mobília era pouca e grosseira. Dois bancos no alpendre e mais outros dois ladeando a mesa grande de tábua corrida e gavetas, onde se comia. Uma dúzia de tamboretas espalhados pela casa, um guarda louça com fiteiro, oratório, uma cama lastro de couro, no quarto do casal, caritós nos cantos das paredes e umas duas cadeiras preguiçosas. Nos quartos, baús de roupa branca e pregaria. Na parede da sala, um relógio oito de pêndulo, folhinha Coração de Jesus, um cromo do Pe. Cícero e retratos emoldurados de bigodudos antepassados.

Na passagem da sala de comer para a cozinha, cantareiras de madeira sustendo jarras d’água tampadas e encimadas pelo cabide de copos e caneca boca-de-piranha de servir água. Também em armação de metal, pequena mesa, jarra e bacia de ágata para banhar as mãos.

No pátio, perto da casa, um pé de pau frondoso onde se amarrava as montadas.

Centenárias vivendas. Ainda assim as conheci. Hoje, moradas de morcegos ou domingueiras-pousadas de seus donos...

Época do patriarcado nascido e estrumado com a força dos currais. Depois é que veio o algodão mocó tomando as várzeas e em lâ-dinheiro conduzida para o litoral nos comboios de animais guiados por burras-madrinhas, enfeitadas de tachas, fivelas e

cincerros. Sabidas como bicho de circo, obedientes aos estalos dos chicotes dos matutos. E o algodão mocó alastrou os limites do seu dono. Logo, o ferro de marcar anca de gado passou a queimar lombo de queijo e fardos de lã.

NC – Fale do gabado queijo de manteiga ou do sertão.

É também conhecido como queijo requeijão e do Seridó. É a resultante da coalhada escorrida, fervida no leite, espremida manualmente, salgada e levada a fogo brando na manteiga de garrafa até a consistência pastosa e dali para as fômas (cinchos) onde esfriava e tomava consistência. Os *dagora*, feitos de leite desnatado, devem ser consumidos nos primeiros quinze dias, quando começam a ficar ressequidos e sem sabor. O autêntico, antigo, que não se faz mais, era de leite integral e recebia maiores cuidados e fervura mais demorada – daí podendo durar de um ano para outro, sem alterar o sabor e formando um cerne escuro – o coração de negro. Tinham o lombo ferrado com a marca da fazenda, autenticando a qualidade.

VM – Por volta de quando, mais ou menos, a solda e o cimento adentraram o Sertão?

A solda, nem desconho. O cimento – Antônio Othon contou *Meio século da roça à cidade*, Recife, Cia. Editora de Pernambuco, 1970: “...o primeiro veículo a motor aparecido em Currais Novos foi o *Big-four*, em 1914, de passagem para o Acari, levando cimento inglês em barricas, para o açude Gargalheiras”. Sei que vem de

mais longe (séc. XIX), mas não me lembro agora de referência anterior.

NC – E as crendices?

Elas acompanham os homens desde o engatinhar dele nos chãos da infância. Principiam ainda na prenhez, no nascer, no viver e até no instante derradeiro. Isso de preceitos, rezas e patuás é como uma segunda natureza do bicho-homem, dos quatro aceiros do mundo *derna* o tempo em que Ele soprou nas ventas de Adão. E no sertão da caatinga não é diferente. Do *imbigo* que se enterra no mourão da porteira ao punhado de terra que se atira na cova ouvindo a última estrofe da *excelença*:

Já é doze hora
os anjos vieram te ver
e ele vai e ele vai e ele vai
com você.

A primeira coluna militar que seguiu para combater os fanáticos de Canudos, saiu de Juazeiro/BA, no dia 12 de novembro, à noite, para não sair no dia 13 que dava urucubaca. Está n'Os *Sertões*.

E continuarão a ser transmitidas ao homem eletrônico e interplanetário. Cascudo observou que o astronauta que desceu na lua o fez com o pé direito...

ML – Queria que me contasse histórias que ouviu [...] do lobisomem, da caipora, desses seres mitológicos.

Olhe, como todo mundo, sempre ouvi falar nesse lobisomem, mas, eu mesmo, nunca me deparei com ele. Uns dizem que é o 7º filho de um casal, outros falam de amarelos opilados de orelhas graúdas – não sei lhe pintar o retrato. Já ouvi dizer, isto sim, da receita para se virar nele: ... é se espojar noite de lua cheia, de 5ª para 6ª feira, onde tenha se espojado um jumento. Sim, o cabra deve deixar a roupa pelo avesso, amarrada numa forquilha, à margem de uma encruzilhada e rezar o Credo às avessas. A crônica sertaneja dos mais velhos fala deles para ocultar aventuras amorosas.

Depois que a eletricidade espichou seus fios pelo interior, esses assombros andam desaparecidos. Vosmecê já ouviu falar de alma em sala clareada com luz de 100 velas?

A Caipora, essa merece o maior respeito de vez que é a precursora do IBAMA. Era danada por fumo, mas não sei se já deixou o vício por conta dessa campanha da medicina contra o cigarro (!).

VR – A ESAM já graduou 1612 engenheiros agrônomos [...]. O que recomendaria para o amanhã da Escola?

Não me atrevo. Quem sou eu e o que entendo de ensino? Apenas estranho o silêncio dos resultados de estudos ou pesquisas nas escolas de agronomia do Nordeste, principalmente a ESAM. Os órgãos de publicidade estão sempre se preocupando com feitos de Viçosa, Piracicaba e Lavras? Também não sei se o mercado tem absorvido bem os profissionais. É difícil de acreditar em empresas

rurais cujos proprietários residem nas cidades. E as faculdades estão cheias de jovens que querem um diploma apenas para pleitear um emprego. Não esqueço a irritação de João Cleofas, quando ministro da Agricultura, com os agrônomos que fugiam do campo “com medo de cobra!”.

A irrigação que vem por aí é que deve preocupar o ensino agrícola no semiárido. Não temos tradição de irrigantes e sabemos da capacidade que ela tem de inutilizar solos.

LCG – Você que morou tantos anos no Rio de Janeiro, era um exilado na cidade grande?

O homem é um animal de grande capacidade de adaptação. E morar no Rio não é castigo. Eu tinha uma companheira de excelente convívio e procurei encontrar na cidade grande alternativas do meu agrado – acesso a boa bibliografia das áreas de conhecimento de minha curiosidade, aprendizagem com alguns conhecedores daquilo que me interessava etc. Tive o entretenimento de um pequeno chão em Itaipava/RJ, onde plantei árvores e calejei as mãos. Ademais, todas as minhas viagens de férias foram nos rumos de cá – jamais atravessei o Atlântico nem visitei a Disneylândia. Essa é a explicação sem falsa literatura... o Caolho é quem poetou: “...Porque sempre é madrasta a terra estranha”.

CAL – Pai, vez por outra, amigos indiscretos segredam alguns inconfessados momentos de orgulho escondidos em você. Aqui é confessionário da Santa Inquisição. Fale.

Imagino que os filhos de *candinha* cochicham sobre o *ABC do Administrador da Colônia* (Barra do Corda/MA) – inédito cordel do poeta d'água doce Manoel de Mattos. Gostei, não vou negar. Não foi sermão de encomenda e tinha a gostosura do cordel. O que me desagradava era a louvação. Daí o ter sido sepultado na gaveta.

O outro caso, esse tenho falado dele por aí, sucedeu quando ainda morava no Rio. O então magnífico reitor Diógenes da Cunha Lima telefonou daqui pedindo para eu adquirir folhetos de cordel numa feira que estava acontecendo. Abarquei o que me pareceu melhor e cuidei em catar também noutros cantos. Naquele dia, na rua da Assembleia, calçada do Banco do Estado de São Paulo, dei com um freguês de apragatas de rabicho, surrada calça de mescla Soberana, camisa listrada de mangas compridas, abotoada até o gogó, barba por fazer e chapéu de massa esburacado. Ali, no chão, tinha espalhado a sua mercadoria: ABCs, romances, pelejas, cocos e histórias, presos com pedras de calçada mode o vento. Acocorei-me e tratei de separar os mais clássicos e os de capa em xilo. Às tantas, ele, antevendo o freguês guloso, estendeu-me o *Pavão misterioso*. Abri na primeira página e, fingindo que lia, recitei em voz alta por aqui assim:

Eu vou contar uma história
dum pavão misterioso,
alevantou voo da Grécia
com um rapaz corajoso.
Pra roubar uma condessa
filha de um conde orgulhoso...

Ele, olhos arregalados, surpreso e encantado, perguntou.

– E sabe ler assim por riba, de carreira?

– É, sei.

– Apois não quer trabalhar mais eu? Eu lhe dou um agrado nas vendas...

Era a glória maior! O coração veio bater no pé da goela e eu saí por ali areado, distante, pisando chãos de saudade...

PB – Você se arranchou no pé da Serra dos Macacos, como poderia ter se socado nos sertões do Seridó. Faria diferença?

Eu morava no Rio desde 1957. Foi quando a Caetana passou lá em casa e levou Ludy (Maria de Lourdes Leão Veloso da Rocha, 1917-1995). Já viu uma barata que levou chinelada e fica tonta, rodando? – apois eu estava daquele jeito... Aí decidi voltar. Para onde? Naqueles chãos eu ainda possuía um retalho de terra, herança da Fazenda Lagoa Nova que foi de meu pai, e onde eu havia trabalhado de 1948-1941. Tinha dois sobrinhos por perto: Octávio, na Fazenda Riacho do Cedro, anexa à Acauã. Fiquei na sombra dele lambendo as minhas feridas e por ele e a sua Joaquina sendo cuidado. E Theodozio, na Fazenda Tijuca, esse mais arredado. Ambos órfãos de pais, receptivos portanto a uma adoção. Distava a terra 100 km de Natal e havia um começo de estrutura.

O meu imperdoável e irreparável erro – de vez que velho não deve mudar de montada em fim de viagem – é não ter considerado que ali era Agreste e não Seridó.

N'Acauã, onde vivo, ao pé da Serra dos Macacos, é gostosamente quieto. Entra dia e sai dia sem ter com quem conversar. Teve uma vez que contei: 18 palavras no dia! Eu gosto, embora sinta o já minguado vocabulário se atrofiando. Campeio perdidamente as palavras.

SN – A beleza da ave é maior quando ela pousa ou quando alça voo?

O voo é partida. O pouso, regresso.

NL – Parece, a todos os que convivem com você, que não se entusiasma facilmente. O que realmente o fascina?

É mesmo? Apois nem tinha reparado. Gosto ou não – como todo mundo. Talvez não exteriorize (e ainda não descobriram o raio X da alma). É que a gente não tem de ser tudo igual que nem lata de “Kerozene Jacaré”.

VS – Como nasce em você a ideia de um livro?

O parto da montanha se faz por diferentes brechas.

Vivi sob as mesmas telhas com Bonato Liberato Dantas (1955-1897) quando ele fazia uma tarrafa – veterano pescador de açude que foi. Espiava, perguntava, rabiscava figuras e anotações. Daí o *A.B.C. da pescaria de açudes*. A mesma coisa com Pedro Américo de Oliveira, vulgo Pedro Ourives (1964-1878) e seu filho Francisco Lins (1990-1916), um remontando uma sela roladeira e o outro costurando um encouramento. Resultante – *Encouramento e arreios do vaqueiro*.

A caça nos sertões, consequência de momentos vividos, ouvidos e lidos. Outras como *Conservação de alimentos*, *Ferros de ribeiras* e *Construções de açudes* – fatos vividos e fermento de curiosidade em leituras alheias.

Em tudo, certa preocupação de guardar para não ver se perder – usura sem cifrão, a tudo engavetar – cacoete do pássaro casaca-de-couro que tudo carrega para o desarrumado ninho?

NC – Por que todo um estudo sobre a faca de ponta?

O professor Newton Carneiro, do Paraná, coletando dados sobre as facas dos tropeiros de Sorocaba – endereçou perguntação a Cascudo. Cascudo as transferia para mim.

Tivemos um rico artesanato de cutelaria – desde as do Pasmado (Pernambuco, 1781) as dos irmãos Caroca, em Campina Grande, nas eras de 40. E não imaginem que a faca de ponta era arma exclusiva dos cangaceiros. Ela constituiu peça da indumentária masculina. O presidente Epitácio Pessoa (1862-1908), o deputado federal pela Paraíba, Pe. Arruda Câmara, o romancista José Lins do Rêgo e o próprio presidente da Academia Brasileira de Letras – Austregésilo de Athayde – nunca se apartaram de suas faquinhas.

Ela também queria dizer respeito, poder e coragem, filha que é da espada, contada e cantada nas Escrituras Sagradas. Diferente das armas de pólvora, tem a lealdade do corpo a corpo, o olho no olho e o alcance de um braço. A fala regional ainda diz: “é home de emendá os pano” (ou as camisas); é que no sertão velho usavam camisas longas, pouco acima dos joelhos. E constituía forma

bárbara de duelo os desafetos se atarem pelas fraldas das camisas e, à faca, decidirem suas divergências.

Ficou na fala do povo...

WM – Além de escritores e artistas, que pessoas outras tiveram influência na sua formação cultural?

Vivi por alguns anos numa fazenda sem o conforto das BRs, eletricidade, rádio nem TV. Após o dia de trabalho e a ceia de coalhada ao pôr do sol em redes no alpendre, se conversava até cabecear de sono. Repartia as mesmas telhas com Pedro Américo de Oliveira – Pedro Ourives (1964-1878) e seu filho Francisco Lins (1990-1916), mestres de couro e saber; Ramiro Monteiro Dantas (1997-1912) e depois seu irmão Bonato (1955-1897) velhos pescadores de açude – além da presença semanal de meu pai, todos bons observadores do mundo vivido e de assombrosa memória. Eles foram minha verdadeira universidade e fizeram daquelas noites, minhas mil e uma noites de aprendizado.

FD – Gostaria que você me falasse se as suas lembranças são mais lidas ou vividas? E se o seu estilo é uma conquista lenta e paciente duramente arrancada ou veio livre da fonte?

Não me lembro de ter ocupado o juízo com essa pergunta (!). Agora, pensando nela parece que são mais dos momentos vividos desse meu espichado viver e também do muito que escutei do proseado em redes de alpendre no tempo em que as pessoas conversavam. Isso, 'stá bem-visto, antes do rádio e da TV, quando a gente se apoiava no

desfiar dos acontecidos relatados pelos mestres da palavra.

Quanto a esse meu jeito de rabiscar papéis, talvez tenha nascido da saudade. E explico: vivi anos longe dos chãos sertanejos, embora os visitasse frequentemente nas férias. E no “exílio” a minha leitura de maior agrado era literatura regional. Nela, o reencontro com a nossa fala me acalentava. Muitas vezes chegava a copiar palavras ou expressões nossas já apagadas na memória, como um enamorado a reler a correspondência da mulher amada. Talvez, inconscientemente, isso tenha me contagiado. Bendita gálica...

WM – Quais os livros ou autores que marcaram a sua formação? Como e quando o livro apareceu em sua vida?

Mesminho os outros meninos daqueles tempos; depois da Cartilha de ensino rápido, que me desasnou, veio o Catecismo da doutrina cristã com figuras de um deus barbudo e ameaçador que falava surgido de nuvens amojadas de inverno. Ele tinha um olho enorme, pintado em um quadro: “estava em toda parte, tudo via e sabia” – e nos apavorava na intimidade das privadas, sabendo de tudo, vendo tudo...

Ainda de calças-curtas, lembro de meu pai, na hora do café, lendo para a gente ouvir, páginas de Alexandre Herculano – Eurico. Depois de 30, internado no Ginásio do Recife do Padre Félix Barreto (Rua Nunes Machado), fui visgado pela curiosidade. É que tínhamos um colega, bem-comportado e bom aluno que “sumiu” por uns 10 ou 15 dias! O que foi, o que não foi (?) – vagou o cochicho: suspensão! Nada do que se maliciava – ele estava lendo A velhice do Padre Eterno, de

Guerra Junqueiro. E eu, interno, liso e sem conhecer ninguém lá fora, em poucos dias tinha o livro excomungado, de onde decorei muitas páginas. Ainda hoje posso lembrar:

Ó alma que viveis puras, imaculadas,
Na torre de luar da graça e da ilusão.

E a cutilada terrível no clero:

Ó Jesuítas, vós sois dum faro tão astuto,
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,
Que é incrível até que o filho de Maria
Não seja inda velhaco e não seja corrupto,
Andando há tanto tempo em tão má companhia.

Ginasiano, conheci Terra de sol, Gustavo Barroso. O sertão chegou com ele, Leonardo Mota e Catulo. Euclides (Os Sertões), depois, já de barba na cara. E o técnico, de J. G. Duque (Solo e água no polígono das secas), por volta de 1950. E os de Cascudo – 'stá bem-visto.

Nos internatos dos ginásios, a literatura alérgica aos didáticos: Coleção amarela (policial), Terra-mar-e-ar e Karl May (aventuras). São os que me acodem à lembrança...

NC – Quais os livros mais presentes nas fazendas seridoenses do século XIX?

Os religiosos: A História Sagrada, A Missão Abreviada – *vade mecum* de Antônio Conselheiro e o *Adoremus*.

Este, breviário da nossa gente, além das orações mais invocadas, o latinório da Santa Missa e o Oficium Parvum, ou Ofício de Nossa Senhora, que era rezado e cantado em versos de sete sílabas. Foi trazido para ali ainda pelo Pe. Ibiapina:

Agora lábios meus
dizei e anunciai
os grandes louvores
da Virgem Mãe de Deus

Os outros, o Lunário Perpétuo, História do Imperador Carlos Magno e o Guia Médico Chernoviz. Todos estudados em Seridó Século XIX (Fazendas & Livros).

WM – Cite dez livros fundamentais.

Amigo, prefiro citar o que imagino de mais importante para o Nordeste, principalmente o sertão da caatinga: Os sertões (Euclides), Terradesol (Gustavo Barroso), Vaqueiros & cantadores, Civilização e cultura e Tradições da pecuária nordestina (Cascudo), Capítulos da história colonial (Capistrano), Vidas secas (Graciliano), Guerreiros do sol (Frederico Pernambucano), Paisagem das secas (Mauro Mota), A pedra do reino (Ariano Suassuna) e, mais para perto das pancadas do mar, Casa-Grande & Senzala (Gilberto Freyre) – lá se vão onze...

NLC – Como nasceu em você a ideia de Uns fesceninos – tão diferente da sua linha de pesquisa?

É que foi-não-foi na conversa dos homens em torno das garrafas, alguém recitava Sesyom. Intrigava saber que ele continuava inédito. Por que (?) se o livro maldito de Bocage¹ continuava a ser lido, estudado, reeditado e figura nas mais sisudas bibliotecas. Natália Correia estudou e divulgou a lira obscena de consagrados intelectuais portugueses. Aqui mesmo, da banda de cá do mar, Bernardo Guimarães² e Laurindo Rabelo³ foram reimpressos em dezenas de edições piratas.

Nos derradeiros anos da era de 60, principiei a catar e arrebanhar material para uma sonhada antologia fescenina papa-jerimum. Difícil convencer alguns poetas de anel no dedo tratar-se de estudo fora do comércio, com tratamento sério.

O livro não saiu exatamente como orientado que foi por Salvador Monteiro⁴ com ilustrações de Poty⁵. A editora (Artenova/RJ) deixou de usar o papel Kraft Klabin de impressão e enfeiou algumas páginas com fios tipográficos perfeitamente dispensáveis.

Mesmo assim, foi reunido nele 17 dos melhores poetas nossos com mais de 40 versos chulos, além de 17 anônimos atribuídos ao vento...

VS – Temos o mesmo vício de gostar de livros. Daí perguntar: o que está achando do nosso movimento editorial?

1 Manuel Maria Barbosa du Bocage. *Obras Poéticas*, 1876.

2 Bernardo Guimarães. *O Elixir do Pagé*, 1875.

3 Laurindo Rabelo. *Obras Poéticas*. Lisboa, 1882.

4 Responsável pelas artísticas Edições Alumbramento.

5 Poty Lazzaroto – o maior ilustrador brasileiro da época.

Assombrado, confuso e desencantado. Hoje, a magia da eletrônica permite se armazenar um livro no espaço de um disquete e a moderna técnica de impressão, a tiragens de edições em poucas horas. E o que estamos fazendo não é melhor que o livro artesanal de ontem. Naturalmente, há edições de luxo, bem cuidadas e bonitas. Mas é artigo para uns poucos, objetos de decorar ambientes e raras leituras.

Nas tiragens comerciais, os chamados best sellers, artigos do dia, relevam o que tem de mais primário e belo na arte gráfica: engolem as margens, minguam o corpo das letras a textos de bula de remédios, espremem os espaços-linhas e, o que chega a ser um insulto pelo menos no Rio Grande do Norte – não se faz mais livro costurado. Agora são colados, isto é, um livro que se desintegra como coisa descartável. Ou a cola não presta, ou não suporta o nosso clima, ou simplesmente não sabemos colar. Isso tudo resulta em um livro sem caráter – progresso de rabo de cavalo...

VS – Por que se diz vítima da revisão em livros da talidomida?

Essa arenga deve ter principiado ainda com os primeiros copistas. Aqui-acolá um mais distraído engolia letras ou palavras, truncando textos. Depois o monotipo e o linotipo multiplicaram as mazelas.

Nem a Bíblia, o livro mais editado no mundo e o mais rigorosamente revisado escapou. Há uma edição inglesa, de 1631, estimada pelos bibliófilos, onde o VI mandamento diz: “Cometa-rás adultério”. Eduardo Frieiro fala duma outra onde se lê: “Cristo com 5.000 mil pães deu de comer a 5 pessoas”.

Ninguém escapa. Aqui mesmo, na primeira impressão da 1ª edição do Dicionário de Aurélio (1975), o verbete da nota musical si, diz: “Osinal que representa essa nota na puta”(!).

Naturalmente que os dicionários, livros técnicos e religiosos têm revisão mais cuidadosa.

Dizem que a alegria de publicar um livro se assemelha à do nascimento de um filho (!). Não concordo. É que tive deles com talidomida tipográfica.

LP – Por que afirma que a encadernação é um artesanato com vela na mão?

Em Natal, no momento, o mais que se pode ter é encadernação com lombada de brim. É sabido que a pele de cabrito do sertão nordestino é das melhores do mundo. E, para meu espanto, Hélio Galvão me dizia e mostrava boas encadernações em lombada de couro feitas em Natal antigo (!). Por que não sobreviveram, não sei (?). Reconheço que o provável número de clientes interessados não justificaria o investimento de uma boa oficina. Mas, e antigamente?

Manoel Dantas (1924-1987), meu tio e padrinho, encadernava suas revistas.

É um artesanato decadente mesmo no Rio de Janeiro. Bons e raros sobrevivem. E os bibliófilos de maior poder aquisitivo mandam encadernar em Portugal. Houve um tempo no Rio que algumas senhoras da sociedade fizeram curso de encadernação artística. Mas parece que logo voltaram às atividades sociais.

NC – Poty Lazzaroto ilustrou Uns fesceninos e a capa de Fazendas & Livros. Você o conheceu de perto?

Salvador Monteiro – o das Edições Alumbramento –, folheando os originais de Uns fesceninos, recebeu papel Kraft Klabin de impressão, capa e capitulares em traços fortes e primitivos. Foi quando Nei Leandro me botou em contato com Poty. Ele morava a um quarteirão do meu edifício. Agradou-se do trabalho e fez mais do que se queria, não quis dinheiro – recebeu amizade.

“Vremeio” – assinado por um câncer de pele –, meio entroncado, mais para baixo, guloso de bons vinhos e guloseimas, de pouca fala, fala que saía pouco audível através de vasta bigodeira e displicente ao vestir, como se estivesse sempre no ateliê de trabalho.

O seu apartamento na Senador Vergueiro tinha as paredes tomadas dos mais consagrados pintores daquém mar e do que havia de bom em arte primitiva. Dona Célia, sua mulher, danada de erudita, fazia tradução para a Larousse e copidesque para alguns imortais da ABL. Nos idos, foi também uma das autoras de discursos de JK. Gostava de culinária e me dizia da gostosura do purê de caroço de jaca! O guarda-roupa do quarto deles, que tomava toda uma parede (onde andaré?), era de talhas com cenas bíblicas. Foi ele, Poty, quem me apresentou a Ciro Fernandes, o que ilustrou *Apontamentos sobre faca de ponta*.

Quando Poty fez o desenho da capa para Seridó Século XIX, não teve jeito de querer cobrar. Depois de muita teima, fez acordo: “Pois me dê essa faquinha para eu abrir livros”.

Foi ilustrador e amigo de grandes nomes das nossas letras, como Mário Palmério e Rosa.

Naquele 21 de agosto de 1972, quando voltei do cemitério onde fui levar Isadora, a campainha do meu apartamento, na Marquês de Abrantes, 118, tocou. Ele entrou, me deu um demorado abraço, fixou por algum tempo o retrato dela na parede, e dos seus olhos também corriam lágrimas. E se foi sem nada dizer, apenas com aquele silêncio maior e mais amigo que as palavras.

NLC – Por que você não faz uma reedição ampliada de Uns fesceninos, que é de 1970 e só para bibliófilos?

Sabe, Nei, teve um tempo que pensei nisso, inclusive para incorporar uns poucos “receosos” que ficaram de fora. Mas, quando vagou o zum-zum, desaguou em meu endereço tanto verso tipo “sermão de encomenda” que me deixou ressabiado. Depois, foi o tempo que essa lira saiu da clandestinidade e alguns poetas entraram no cio...

NC – E o livro que foi impresso na gráfica da Universidade do Ceará, Ferros de Ribeiras do Rio Grande do Norte, em 1984?

Terra do Sol – Gustavo Barroso, Marcas de gado usadas no Ceará – Sílvio Júlio ou Jeca Tatu e Mané Xiquexique – Ildefonso Albano. Num desses três li, pela vez primeira, estudo sobre as marcas de ferrar. E não sei dizer por que gostava e achava bonito os cabalísticos desenhos dos nossos ferros avoengos. Ficou a

curiosidade. Tempos depois⁶, me apoiei em Ferros do Cariri, de Ariano Suassuna.

Aí me danei a ler, perguntar e arrebanhar informações sobre o assunto. Tinha umas notas engavetadas de um levantamento principiado por Guilherme de Azevedo (1985-1925), aquele agrônomo que enodou de verde-algaroba os sertões. Reli Francisco Alves⁷, Milton Luz⁸ e me atrevi a fazer a pesquisa sobre as ribeiras da gente aqui do estado. Deu nisso. A caninga foi só a omissão do nome da capista – Gisela Abad e a pobre reprodução do desenho dos ferros. Terminada a empreitada, encaminhei os originais para Vingt-Un Rosado (Coleção Mossoroense) e ele é quem foi se valer da gráfica da Universidade.

Até hoje não entendi por que as nossas mais tradicionais famílias de origem sertaneja não valorizam o seu autêntico brasão (!). Falo do ferro de marcar gado. Na França, Argentina, Austrália e Texas, onde o boi faz rastro, ele é mostrado com orgulho na prataria, louça, tapeçaria e até em monogramas. Talvez um dia, quem sabe (?), quando dele não restar couro queimado nem lembranças...

CAL – Adriana, a sua neta, queria saber o significado daquele pequeno desenho que cola em seus livros.

O ex libris, todo mundo sabe, é aquele selo-emblema, brasão, assinatura ou marca de posse do livro, que nem ferro de marcar

6 1974.

7 Marcas a fogo usadas no Ceará – 1947.

8 A ferro e fogo, 1974.

boi. Desenhos de artistas miniaturistas identificam a preferência do dono: coruja (pensadores), tinteiro ou pena (escritores), compasso/esquadro (maçons), armas (militares) etc., além de um dístico, geralmente em latim (o de Raul Pompeia era: “Mau, mas meu”).

Aqui no estado parece que não teve quem dele fizesse uso. Cascudo, Floriano Cavalcante, Hélio Galvão, Otto Guerra, Américo, Manoel Rodrigues e Leonardo – donos das maiores bibliotecas do meu tempo – não se interessaram em adotar um *ex libris*. Eu mesmo só vim a saber seu significado, no sul. Aqui-acolá, nos sebos, via um livro com *ex libris*. Depois conheci colecionadores, e teve um tempo que, aos domingos, eles se reuniam no Passeio Público para “trocar figurinhas”. Alguns, donos de coleções de milhares de exemplares. O costume, dizem os entendidos, vem de muito longe (séc. XV). Curioso é que a gente, quando menino, “ferrava” os livros escolares com dísticos que eram *ex libris infantis*: “Quem este livro pegar / Não causa admiração, / Mas se com ele ficar / Não passa de um ladrão”. Ou a advertência copiada do Catecismo: “Lembre-se do VII Mandamento”. Já adolescentes, a quadra brincalhona:

Livro e mulher não se emprestam.

Livro não se restitui.

Mulher, a razão conclui:

Restitui-se se não presta...

Um dia, conversando com Percy Lau, às tantas a prosa descambou para miniaturistas que desenhavam *ex libris*. Aí perguntei se podia adotar um desenho dele (?). E fui premiado com

a resposta generosa: “Escolha o que quiser, Lamartine”. Daí essa ferra de gado.

VR – Você tem sido um amigo da Coleção Mossoroense (CM). Agora, que me avizinho dos 80 anos e pretendo trabalhar até o derradeiro dia, gostaria de conhecer o seu conselho para o amanhã da Coleção Mossoroense.

Antes de tudo, cuide em preparar o substituto, pois o cavalo já passou selado...

Não sei o que vocês da tribo dos moxorós pensam fazer da CM. Imagino já tenham uma coleção completa em biblioteca viva e dinâmica: servindo aos columins.

Num depois, como tarefa primeira, tentar sensibilizar órgãos públicos regionais no patrocínio de uma nordestina, isto é, os clássicos cabeça-chatas, a nata de tudo o que já foi editado, eventualmente acrescido de algum título importante fora do baralho. A relação desses livros com orçamentos, tiragem e “boneca” mostruário seria o seu trunfo da Folhinha Coração de Jesus. É meio difícil de se acreditar. Mas não esqueça que as chaminés ou os enfileirados verdes-vegetais plantados por todo esse Nordeste são, mais das vezes, resultantes de estudos e projetos, onde, na bibliografia de cada um, figura “XXX, 2ª ed. Coleção Mossoroense, 19...”.

Vocês reeditaram o que havia de melhor e mais significativo na literatura técnica do semiárido. A ausência desses títulos teria restringido o conhecimento a uns poucos privilegiados. E o que

é importante e mais difícil de se acreditar: Toda, sem cobrar um tostão!!! Não fique inchado que nem cururu cutucado... É o que me acode, assim de supetão.

SN – Vi que carrega no pescoço um pequeno crucifixo. Como ele chegou para você?

Bem, lá em casa, minha mãe e cinco irmãs eram católico-domésticas e os quatro irmãos, indiferentes. Aos 11 anos, fui interno em colégio de padre (Ginásio do Recife do Pe. Félix Barreto) e de lá transferido para o Instituto La-Fayette/Rio de Janeiro, positivista, e depois ESA, Lavras/MG, de Missão presbiteriana. Daí ter vivido nesses dez anos de adolescência – barro molhado – com pessoas de diferentes igrejas e sem igrejas. Lia o luxo e o lixo que me caía as mãos, sem qualquer orientação ou disciplina. Cresci me alternando entre anjos e demônios, preces e blasfêmias. Depois de minha segunda união, já na década de 60, tomei chegada ao cristianismo – encabulado, conflitado e cheio de dúvidas. Tive e tenho grandes amigos padres: Dom José Delgado (1905-1986), Monsenhor Expedito Medeiros (1916-2000), João Medeiros Filho (meu parceiro num livro) e o maritonista Dom Camilo de Guareschi, este o que mais me “evangelizou”.

Sou mais sensível ao mistério de uma semente de eucalipto (do tamanho de um ponto no i) do que a essa liturgia-show que celebram em nome de Cristo. Ignorante, confuso e desorientado me debato como em atormentado sonho de Cláudia Prócua. Mas, sou de 19. Logo, biologicamente, devo conhecer a verdade bem antes de vocês...

SN – Acredita na reencarnação?

Eu já lhe disse de minhas dúvidas e tormentos. Bem que invejo e gostaria de ter uma fé granítica – dessas de prego batido e ponta virada –, pois vivo “como a mãe de São Pedro”, no dizer folclórico. Mas Caetana, passando por aqui, tiro isso a limpo. E ela não deve demorar. Não garanto é voltar para lhe dizer o resultado.

WM – Sua solidão na fazenda não lhe estimula a escrever um novo livro?

Não penso nisso. Muito menos memórias ou ficção. Fico devendo, isso sim, pesquisas de dois ou três temas sertanejos: as antigas burras de sela viajeiras, os próprios (andarilhos) e os grandes rastejadores. Na A caça..., falo de alguns deles. Ainda cheguei a coletar preceitos de oração forte rezados antes de tomar um rastro. Alguns mais raros, pábulos e até folclóricos castravam no rastro, confessando: “Eu, rezando no rastro de um, cum menos de 3 mês, cai, lá nele, inté a barba...”. E tem mais: “Sabe, vosmecê, que os livros são feitos de papel e, dizem os entendidos, que uma tonelada de papel custa a vida de 40 árvores...”.

WM – Já começou a escrever as suas memórias?

Não. Os maiores memorialistas brasileiros – Gilberto Amado e Pedro Nava – jazem nas prateleiras... Ademais, quem danado se interessaria pelo meu espiar caolho da vida? Não basta esta perguntação de fazer inveja ao dominicano Torquemada?

FD – [...] e para que não se percam as vozes do sertão-do-nunca-mais, cadê as suas memórias?

Amigo, indagorinha mesmo Woden veio me catucar com essa varinha curta. E repito para vosmecê, não teria muito o que acrescentar, acredite. Olhe, esse sertão da caatinga talvez seja a região mais esmiuçada do Brasil. E eu teria que quebrar para trás e sair pisando no rastro até as lembranças-cicatrices de menino. Seria um gaguejar de costumes vividos, assistidos e desaparecidos. E tudo isso já está nos papéis amarelados de gente de maior saber e gostoso dizer. Ademais, é preciso que esse povo também procure e leia o que já foi escrito, penando... pois “bocado mal mastigado é custoso de engolir”.

VS – Já que não aceita escrever autobiografia, considera o conjunto de seus livros além de etnográficos também autobiográficos?

Propositadamente, não. É possível que no relato de um fato, palavra, entrelinha ou até reticência, haja algum esquecido resto de mim. Mas isso é mais fatível no campo da ficção, onde a indumentária do romance é mais das vezes costurada com retalhos da vida.

FPM – O que representava para você a consagração precoce na palavra de Gilberto Freyre?

Não adianta fingir – o primeiro instante é de cafuné na alma. Depois é preciso acordar e não se deixar ficar que nem cururu catuado. Entender a generosidade do gesto do mestre estendendo a mão para quem engatinhava.

WM – Qual o livro que gostaria de ter escrito?

Paisagem das secas – Mauro Mota e *Os bichos* – não os de Miguel Torga, mas os de Gustavo Barroso em *Terra de sol*.

VM – Como era Percy Lau, aquele peruano filho de alemães, que, em certa medida, redescobriu o Brasil, em especial o Nordeste, antes mesmo dos “500 Anos”?

Conheci-o quando acompanhava a edição do *Mutirão no Nordeste* de Hélio Galvão – junto ao SIA. Percy ilustrava a série *Documentário da Vida Rural*.

Cortou *imbigo* no Peru e veio para o Brasil menino – primeiro Recife, depois Rio. Muito do nosso mundo que desenhava era de oitiva – como quem toca de ouvido. No Conselho Nacional de Geografia, onde era desenhista, ilustrava *Tipos e Aspectos do Brasil*. Aqui – acolá, em cenas nordestinas, eu chamava sua atenção para detalhes – uma correia de apragatas, burranhas de uma sela, feitiço de um fifó – miudezas que davam mais autenticidade documental à gravura. Ele gostava, pois dizia que muitas vezes tinha de se valer de fotografias para fixar época e local.

Do tamanho do seu traço eram a sua bondade, timidez e humildade. Os desenhos dele andam espalhados por aí sem nada receber de direitos autorais, de vez que era funcionário do CNG.

A última vez que tivemos juntos foi quando o procurei em casa (Rua Alberto de Campos), acompanhando uma bolsista alemã, Christine Probst, que, deslumbrada com *Tipos e aspectos*, de-

sejava conhecê-lo. Lá, no meio da conversa, cochichei para Christine falar alemão com ele. Remoçou com a fala materna. E, no meio da prosa, intervim: “Ô Percy. Eu trago essa moça aqui para obter um autógrafo seu e você, se valendo do alemão, está me passando para trás!”. Ele encabulou e ficou da cor de uma fita (isso na presença da mulher dele).

Desde esse tempo, sempre que vejo uma bonita formação de nuvens no céu, penso com meus botões: “Isso é arte de Percy...”.

NC – Você ilustrou seu livro *Encouramento e Arreios do vaqueiro no Seridó*?

Nele lembrei um ligeiro histórico sobre a introdução do gado bovino em nossos sertões para detalhar o artesanato dos arreios e encouramento. Acompanhei o seleiro Pedro Américo de Oliveira (1878-1964) e o seu filho Francisco Lins (1916-1990) remontar uma nossa sela roladeira e grosar couros, cortar e costurar cada peça de um encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó. Era gente parente da gente e que vivia sob as mesmas telhas onde eu vivia. Procurei ilustrar todo esse fazer com meus rabiscos, anotando o nome de cada peça e material por eles usado.

É fascinante saber que as esporas de rosetas graúdas, de arrasto, também conhecidas por *chilenas*, “importaram” essa última designação da bacia do Prata através dos veteranos da Guerra do Paraguai (1865-1870). E que o nosso dizer “espora-quebrada”, para designar pessoa sem valia, é sobrevivência ainda da cavalaria do século XII – ignorada pelos dicionários.

VS – Nunca se aventurou pela poesia?

Para a resposta vou me valer de Bilac: “É amor que morreu sem ter nascido...”

CG – De Bach ao rock da pesada – o que mais lhe agrada?

Pergunta à pessoa errada. Nisso, sou grego. Toda a minha vocação musical consiste em reconhecer os primeiros acordes da 5ª Sinfonia de Beethoven, da valsa *Abismo de rosas*, de Canhoto, e o Hino Nacional – este já do meio para o fim. É genético. Lá em casa, quem dá muito para música consegue assoviar chamando cachorro. E, além disso, sou e estou velho. Como posso apreciar essa zoada transmitida pelas TVs onde um freguês trajado de palhaço, tatuado e de brincos ou mulheres peladas, torneadas a silicone e vulgares, gritam decibéis, esperneiam e estrebucham como em transe epilético? Ainda bem que já estou meio mouco. Olhe, bonito eram as pastoras classudas de Ataulfo Alves e um violão capadócio acompanhando um gogó que nem o de Elizete Cardoso.

O cegueta já explicava: “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades...”

ML – “[...] o uso do marítimo nas coisas do sertão [...] pelos aparentemente irreconciliáveis [...] unidos, em torno de um objeto. Seria mesmo o indício de que o sertão vai virar mar?”

Dona, e vosmecê ainda tem alguma dúvida? Não crê nas profecias do Conselheiro? Duvida das labaredas do inferno?

E não é de admirar. Também li nos papéis desses entufados homens de anéis nos dedos, dizendo que os búzios sempre zoaram nas oíças dos homens para acudir, saudar ou avisar uns aos outros – desde os que boiavam em gravetos-jangadas nas águas do mar aos viventes do saartão da terra. Era o celular que tinham para se fazer ouvir a distância. Agora, os poucos búzios que restam nos sertões escoram portas de casas abandonadas.

É assim mesmo com qualquer coisa ou ferro de trabalho. Basta atentar para o panavueiro – aquele facão de folha larga com um gancho na cacunda – dos cortadores de cana das usinas. Ele também aparece nos engenhos de rapadura sertanejos. Outra coisa é o carro de boi sempre mais presente onde o chão é menos pedregoso e pouco enladeirado. Aqui, no RN, nas várzeas do Assu.

VM – E os sebos do Rio de Janeiro dos anos 50?

Andei neles por muitos anos com a assiduidade de beata de igreja. Vi raridades nunca imaginadas. Conheci quem conhecia livros. Bibliófilos e livreiros capazes de recitar e identificar edições *princeps* e o que havia de mais valioso dentro de sua especialidade. Lembro seu Pereira, na área jurídica, hoje dominada por Germano, da São José. Roberto Cunha (Brasília) – o mais generoso, desambicioso e prestimoso de todos eles. Osmar, da sobreloja do Ed. Avenida, onde dei com o livro *vade mecum* de Antônio Conselheiro – A missão abreviada. Santana (Visconde de Inhaúma) que tinha e se recusava a vender o mais belo, antigo e valioso *Missal* que se possa imaginar. O Império, do Teixeira (R. Teatro, 25), onde fisguel um exemplar da

Flora brasiliensis, de Martius, 1829; o Vieira, da Padrão (R. Miguel Couto), especialista em literatura lusitana, a de Pedro Correia do Lago, na Rua do Rosário, nº 155, a Kosmos, onde a seção de livros raros é dirigida pela Frau Margarete Eichler – quem mais conhece o livro raro no Brasil. É a mais qualificada e organizada; representou por muitos anos a Sotheby e ainda edita catálogos – *Sugestões para bibliófilos* (o de 1998 tinha o nº 775). Possui minibiblioteca de referências e mantém fichário dos livros raros vendidos com data, edição e preço em dólar. Foi onde vi incunábulo, encadernações assinadas, edições antigas inglesas com gravuras coloridas no corte anterior das páginas – o *fore-edge-painting*.

CAL – Pai, se a gente somar os anos que morou no Rio de Janeiro, dá bem umas três vezes da sua vida passada nos sertões. Como justifica esse seu panteísmo seridoense?

É fácil. Troque, na sua pergunta, o verbo *morar* por *viver*. Os dias que se mora têm, rigorosamente, apenas 24 horas...

DCL – Você faz parte da civilização solidária do Seridó?

Sim, mas a de um sertão que se foi, aterrado pela “sifilização”. Sobrevivo como um bicho exótico protegido pelo IBAMA, testemunha que sou do sertão das casas de fazenda habitadas, onde o nome das fazendas se incorporava ao sobrenome do proprietário. Do sertão onde o primo do primo era parente-irmão e, pisando no pé de um, doía no pé do outro. Do sertão onde cada filho de uma família era unido aos outros por sangue e voto. Sertão das casas de fazenda

clareadas a querosene. Sertão onde se cozinhava em panelas de barro, fogão a lenha e se bebia de jarras de cantareira. Sertão onde se acordava com o canto dos galos para quebrar o jejum com leite mungido. Sertão onde a gente se banhava nas frias águas das cacimbas e dos açudes. Sertão onde os silêncios eram quebrados pelos aboios, o zoar dos búzios, o bater dos chocalhos e das cancelas, o canto das cantadeiras dos carros de boi e o estalar dos chicotes dos matutos. Sertão onde se viajava em burras de sela engolideiras de léguas e se arranchava sob telhas amigas. Sertão onde à noite, depois da ceia de coalhada, se armavam redes nos alpendres para ouvir dos mais velhos a crônica do passado. Vosmecês que me perdoem: mas digo com soberba e tudo: amigos, vivi...

NC – O que mudou Oswaldo Lamartine de Faria no seu entardecer?

É que se fez manhã...

LP – Os amigos andam dizendo que você está cruzando imbu com melancia – se antecipando aos feitos genéticos do séc. XXI?

Essa é a versão folclórica. Aconteceu que nas eras de 80, meu sobrinho Pery deu com uns imbus do tamanho de um ovo de galinha, numa fazenda que eles tinham lá para os lados de Jardim de Angicos. E quando deles me falou, pedi que fizesse a multiplicação. Vai-se um ano, vem o outro, foi o tempo que eles venderam a Fazenda Cardoso e adquiriram uma granja aqui por perto de Parnamirim. Daí ele acordou para minha caninga e ali multiplicou o imbuzeiro que eu

apelidara de Luiz Tavares. Dessas mudas tenho umas poucas n'Acauã. Disse-me ele que ainda no segundo semestre de 1998, foi procurado por um agrônomo bolsista da ESAM, Ângelo Kidelman Dantas, que colheu material desse imbuzeiro prometendo multiplicá-lo *in vitro*.

Seleção mesmo quem fez foi a mãe natureza e Pery, a multiplicação. Eu mesmo só entrei nesse “melhoramento” com o batismo de Luiz Tavares (1913-1982), ainda em 1986. Luiz Tavares, é bom explicar para essa geração computadorizada, foi uma das maiores e melhores figuras populares de Natal do meado do século. Avantajado, fortíssimo, corajoso, feio, simpático, farrista, boêmio, excelente amigo, derrubador de gado, elegante, ligado à terra: “um coração que o Potengi não encheria”. Nele tudo era aumentativo. Foi um gigante bom. Merece o nome perpetuado através de uma árvore frondosa de frutos agri-doces.

PB – No formigueiro-assanhado das cidades, o homem se consome na agonia do trânsito, das filas, dos horários, em tempo de correr doido. Manco do juízo, vive engolindo pílulas... E, quando é agora, andam dizendo que você tem remédio para isso! É mesmo?

A meizinha, primo, não é minha. É mais velha que a Serra do Dorna. Eles é que esqueceram a lição do homem feliz – aquele que não tinha camisa... Se alembra?

O remédio está nas mãos das mulheres – praieiras ou sertanejas. E cura aperreios, dores da alma, insônia, zanga, desgosto, *precondia* (dor difusa no peito) e cansaço. Com um pouco mais

de meia hora o cabra está sarado. Só abasta uma sombra fresca, penumbra, silêncio quebrado apenas por murmúrios. Rede limpa, cheirando a sol. Pequeno traveseiro. O pouso das mãos (delas) na cabeça. O deslizar no correr do cabelo. A parada. A volta em arre pia-cabelo. A procura, o encontro. A catagem, o estalar das falanges – o cair das pálpebras – o abandono.

Chamam de cafuné. Sim, ia me esquecendo, só não é garantido mesmo para o freguês careca...

Vários – Como é o seu dia a dia na fazenda Acauã – do despertar ao amanhecer?

Chega! Esbarrem por aí mesmo e vão armar suas redes em armadores de outros alpendres. Sou um vivente mesminho aos demais: acordo, me lavo, como, trabalho, vadeio e durmo. Com pouco mais, querem saber até o meu código genético! Tenho como todo mundo meus demônios e os meus guardados. Mas isso “não é de sua conta, nem do seu rosário...”.

É tarde, a lua já vai alta e está soprando u’a cruviana de tanger velho de alpendre. Tratem, é mais, de se lembrar da sentença velha:

Quem tudo quer saber

Mexerico quer fazer

E a rua quer encher...

Sobre os perguntadores⁹

Ariano Suassuna

João Pessoa/PB, 1927. Bacharel em Direito pela UFPE (1950) e em Filosofia pela Universidade Católica (1960). Líder do Movimento Armorial/Recife, 1970. Autor de peças para teatro, destacando-se *O santo e a porca*, *A farsa da boa preguiça* e *Auto da Compadecida*, premiada com medalha de ouro da ABCT. Escreveu *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta*, *O rei degolado* e *Poemas*. Autor da pesquisa etnográfica *Ferros do Cariri*. Foi membro da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 23 de julho de 2014, em Recife/PE.

Carlos Newton de Souza Lima Júnior

Recife/PE, 1966. Arquiteto, poeta e ensaísta. Foi professor da UFRN entre 1990 e 2008. Atualmente, é Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco. Realiza estudos e pesquisas na área da Cultura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura, Estética, História das Artes, Crítica de Arte, Teatro, Ariano Suassuna e o Movimento Armorial.

9 N.E.: Biografias atualizadas frente à primeira edição (2001, FJA).

Cláudio Galvão

Natal/RN, 1937. Bacharel e Licenciado em História pela UFRN. Especialista em Estudos Medievais pelo *Institut Interfacultaire d'Études Médiévales* da Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Doutor em História Social pela FFLCH/USP. Campo principal de pesquisa: História e Cultura do RN, com ênfase em Música e Literatura. Publicou: *Cancioneiro de Othoniel*, *O canto do Nordeste*, *A desfolhar saudades*, *Campo da esperança*, *A modinha norte-rio-grandense* e *Cancioneiro de Auta de Souza*.

Cassiano Aranha Lamartine

Natal/RN, 1948. Agrônomo pela ESAM (1979). Foi funcionário da UFRN. Filho de Oswaldo Lamartine.

Diógenes da Cunha Lima

Nova Cruz/RN, 1937. Bacharel em Direito. Foi Secretário de Estado de Educação e Cultura, Reitor da UFRN, professor do curso de Direito da UFRN, Consultor Geral do Estado e Presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Publicou, dentre outros: *Lua 4 vezes Sol*, *Instrumento dúctil*, *Natal: poemas e canções*, *O homem que pintava cavalos azuis*, *Câmara Cascudo: um brasileiro feliz* e *Natal: biografia de uma cidade*, *Solidão, solidões: uma biografia de Dinarte Mariz* e *O livro das respostas*.

Francisco Dantas

Riacho dos Dantas/SE, 1941. Foi professor da UFS e professor visitante da Universidade da Califórnia, Berkeley/USA, 2000. Recebeu o Prêmio Internacional da União Latina de Literaturas Românicas, Itália, 2000. Publicou: *Coivara da memória*, *Os desvalidos e Cartilha do silêncio*, *Sob o peso das sombras*, *Cabo Josino Viloso e Caderno de ruminâncias*.

Frederico Pernambucano de Mello

Recife/PE, 1947. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife. É membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano. Foi Procurador Federal no Recife e, de 1972 a 1987, integrou a equipe do sociólogo Gilberto Freyre na Fundação Joaquim Nabuco. Publicou, dentre outros: *Guerreiros do sol*, *Quem foi Lampião*, *A guerra total de Canudos* e *Apagando o Lampião: vida e morte do rei do cangaço*.

Lenine Pinto

Recife/PE, 1930. Bacharel em Direito (1971). Foi jornalista e consultor legislativo do Senado Federal. Publicou, dentre outros: *Os americanos em Natal*, *Natal, USA – II Guerra Mundial: a participação do Brasil no teatro de operações do Atlântico Sul*, *A reinvenção do descobrimento*, *Ainda a questão do descobrimento*, *O reino das bestas feras* e *O mando do mar*. Faleceu em 23 de junho de 2019, em Natal/RN.

Luís Carlos Guimarães

Currais Novos/RN, 1934. Bacharel em Direito (1961). Foi magistrado e professor da UFRN. Publicou: *Aprendiz da Canção, As cores do dia, Sal da palavra, Pauta de passarinho, Fruto maduro e outros livros de poemas*. Publicou ainda *O pequeno relógio da coragem, novelas*. Faleceu em 21 de maio de 2001, em Natal/RN.

Maria Lúcia Dal Farra

Botucatu/SP, 1944. Formada em Piano, Canto Orfeônico e Letras. Mestrado e Doutorado na USP, onde foi professora de Literatura Portuguesa. Estudos literários em Lisboa e Paris. Livre docente da Unicamp. Professora da Universidade Federal de Sergipe. Publicou, dentre outros: *O narrador ensimesmado, A alquimia da linguagem, Livro de Auras, Livro de Possuídos, Alumbramentos e Terceto para o fim dos tempos*.

Nazinha Lamartine

Serra Negra/RN, 1914. Matriarca da família e viúva de seu primo legítimo, o médico Silvino Lamartine, irmão do entrevistado.

Natércia Campos

Fortaleza/CE, 1938. Escritora. Ganhou com o conto *A escada* o concurso literário nacional do Banco Sudameris. Recebeu o prêmio com o livro de contos *Iluminuras* na 4ª Bienal Nestlé de Li-

teratura Brasileira. No concurso literário Osmundo Pontes, foi premiada com o romance *A casa*. Recebeu por sua crônica *Voos* o prêmio Ideal Clube. Foi membro da Academia Cearense de Letras. Publicou os livros *A noite das fogueiras* e *Por terras de Camões e de Cervantes*, narrativas de viagem pela Espanha e por Portugal. Faleceu em 2 de junho de 2004, em Fortaleza/CE.

Nei Leandro de Castro

Caicó/RN, 1940. Bacharel em Direito (1965). Professor, jornalista, poeta e redator publicitário. Publicou: *Zona Erógena*, *Era uma vez Eros*, *O dia das moscas*, *As dunas vermelhas* e *Pássaro sem sono*. Seu romance *As pelepas de Ojuara* foi premiado pela União Brasileira de Escritores e adaptado ao cinema em 2007, com o título *O homem que desafiou o diabo*.

Paulo Bezerra

Acari/RN, 1933. Médico (1960). Radiologista (1961). Foi professor de radiologia da UFRN. Foi membro Academia Norte-rio-grandense de Letras. Autor de *Cartas dos Sertões do Seridó*, *Outras cartas dos Sertões do Seridó* e *Novas cartas dos Sertões do Seridó*. Faleceu em 21 de julho de 2017, Natal/RN.

Pery Lamartine

Caicó/RN, 1926. Instrutor de aviação (1946). Foi membro Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e

Geográfico do Rio Grande do Norte. Publicou: *Assentamentos da família Lamartine, O aeroplano, Timbaúba, uma fazenda no séc. XIX, Velhas oiticas, Epopeia nos ares, Escape e Serra Negra, 1930*. Faleceu em 17 de maio de 2014, em Natal/RN.

Rachel de Queiroz

Fortaleza/CE, 1910. Foi tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista e dramaturga. Primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras, em 1977. Foi membro da Academia Cearense de Letras. Tem inúmeros prêmios e publicações, dentre as quais se destacam os romances *O quinze* e *Memorial de Maria Moura*. Faleceu em 4 de novembro de 2003, no Rio de Janeiro/RJ.

Sanderson Negreiros

Ceará-Mirim/RN, 1939. Bacharel em Direito (1964). Foi auditor do Tribunal de Contas e professor de Cultura Brasileira da UFRN. Foi membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Publicou, dentre outros: *O ritmo da busca, Manhãs do Tirol, Tardes do Alecrim, Noites da Ribeira, A hora da lua da tarde* e *Lances exatos*. Faleceu em 19 de dezembro de 2017, em Natal/RN.

Vicente Serejo

Macau/RN, 1951. Professor aposentado de Jornalismo da UFRN. Cronista. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Colunista da *Tribuna do Norte*. Publicou: *Cena urbana*, *Cartas da Redinha* e *Canção da noite lilás*.

Vingt-Un Rosado

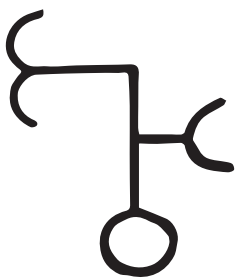
Mossoró/RN, 1920. Agrônomo pela ESAL/MG (1944). Foi historiador, pesquisador, paleontólogo e escritor com dezenas de títulos publicados. Criador e editor da Coleção Mossoroense com mais de 3.000 títulos. Foi membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Academia de Ciências. Foi criador e professor da Escola Superior de Agricultura de Mossoró. Faleceu em 21 de dezembro de 2005.

Virgílio Nunes Maia

Limoeiro do Norte/CE, 1954. Advogado pela Universidade Federal do Ceará, em 1980. De poesia, publicou os livros: *Palimpsesto*, *España: doce ciudades y uma aldeã*, *Via-Sacra Sertaneja*, *Inscrição mural*, *Palimpsesto & Outros Sonetos*, *Estandartes da Tribo de Israel*, *Cartilha*, *Timbre e Recordel*. No campo da etnografia, publicou *Álbum de Iniciação à heráldica das marcas de gado*.

Woden Madruga

Natal/RN, 1936. Bacharel em Direito (1961). Professor aposentado da UFRN. Jornalista. Colunista da *Tribuna do Norte* (“Jornal do WM”). Ex-presidente da Fundação José Augusto. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Publicou *Na gaveta do tempo*.



Solenidade Doutor *Honoris Causa*: discursos

Outorga do título de Doutor *Honoris Causa* a Oswaldo Lamartine de Faria

16 de novembro de 2005 – Auditório da Reitoria da UFRN, Natal-RN

Discurso do Magnífico Reitor José Ivonildo do Rêgo

Minhas senhoras e meus senhores,

Segundo o Regimento Geral da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o título de Doutor Honoris Causa é concedido a “personalidades nacionais ou estrangeiras que tenham contribuído, de modo notável, para o progresso das ciências, das letras ou das artes”.

Ninguém mais merecedor deste título honorífico do que o escritor, pesquisador e etnógrafo Oswaldo Lamartine de Faria, cuja obra valiosa há muito já assegurou o seu lugar entre os maiores ícones da cultura norte-rio-grandense e, por extensão, da cultura nordestina e brasileira.

Quero fazer um agradecimento especial a todos os que fazem o Departamento de História da UFRN, unidade acadêmica proponente desta concessão, pela oportunidade de homenagearmos Oswaldo Lamartine nesta noite de festa para todos nós. Quero também registrar que a proposta de outorga do título foi aprovada por unanimidade de votos, não apenas no Plenário do Departamento de História, mas também no Conselho de Centro do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes e no Conselho Universitário, ou seja, em todas as instâncias pelas quais a proposta tramitou.

A UFRN, assim, endossa e reafirma o valor de uma obra há muito reconhecida para além das divisas do nosso Estado, e cujas principais nuances foram aqui já referidas nas belas palavras do professor Vicente Serejo e da Excelentíssima Senhora Governadora Wilma de Faria.

Gostaria, portanto, mesmo correndo o risco de repetir uma ou outra informação já divulgada pelos que me antecederam, de enfatizar traços da biografia do homenageado e de sua obra que foram ressaltados durante a tramitação da proposta de concessão do título em nossos colegiados.

Mestre de mais de duas gerações de pesquisadores na área da etnografia, desde muito moço Oswaldo Lamartine vem se dedicando ao estudo das coisas do sertão, sobretudo do sertão do Seridó, presente em vários títulos de sua extensa e rica bibliografia. Há cerca de três anos, Oswaldo foi agraciado, pela prestigiosa Fundação Joaquim Nabuco, sediada em Recife, com o título de “Pesquisador Emérito”. Na ocasião, o presidente da referida fundação, Fernando de Melo Freyre, veio pessoalmente a Natal, acompanhado de dois diretores, dentre os quais o maior estudioso brasileiro do fenômeno do Cangaço, Frederico Pernambucano de Melo, para a outorga do título a Oswaldo Lamartine, o que se passou na sede da Academia Norte-riograndense de Letras.

Sabemos todos que foi a Oswaldo Lamartine de Faria que a afamada escritora Rachel de Queiroz recorreu quando precisou de informações sobre usos e costumes sertanejos antigos, durante a elaboração do seu clássico Memorial de Maria Moura. Oswal-

do atuou como consultor da escritora, recentemente falecida, e sempre recebeu dela as maiores considerações por esse trabalho. Posteriormente, foi ainda consultor da Rede Globo de Televisão, quando da adaptação do romance para minissérie de TV.

A obra de Oswaldo se espalha por mais de duas dezenas de títulos, alguns dos quais clássicos sobre o assunto de que trata e referência indispensável em pesquisas na área.

Acrescentemos, ainda, que Oswaldo Lamartine de Faria não é apenas um notável pesquisador. É, também, um grande escritor, dono de estilo próprio, reconhecido por seus pares, que o levaram, com merecimento, à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, onde ocupa a cadeira de nº 12.

Senhor de estilo áspero, escasso de adjetivos para atingir o essencial do que pretende dizer, Oswaldo Lamartine construiu uma obra que há de ficar como uma das mais importantes contribuições de um brasileiro para o enaltecimento da nossa identidade cultural.

Por toda a sua história de vida, pelo notório saber no campo da etnografia, pelo conjunto da sua obra, citada e estudada no Brasil inteiro, é que a UFRN se sente feliz em lhe outorgar este título.

Em nome da comunidade acadêmica da UFRN, agradeço a presença de todos e os convido para, de pé, ouvirmos o Hino Nacional que encerrará esta Assembleia.

Discurso do jornalista e escritor **Vicente Serejo**

Minhas senhoras,

Meus senhores,

No princípio, como numa gênese bíblica, era o sertão mais sertão. Vastos campos cercados por uma solidão de pedra.

Lugar onde foram viver os homens e seus bichos. Vindos do litoral, por onde chegaram, e fugindo do chão úmido dos agrestes ainda tocados pela brisa fresca do mar. Procuravam terras e abrigos para plantar suas sementes de famílias e de rebanhos.

Cultura e civilização, num caldeamento permanente de hábitos, costumes e tradições.

Os homens, como os apóstolos, naquela hora antes do milagre, só podiam acreditar no que viam e ouviam. Mas criaram e plantaram. Cresceram e multiplicaram. Inauguraram na terra inóspita o amor a Deus, e rezaram, cheios de fé, nas Trindades do anoitecer. Espalharam rebanhos de gado. Colheram, produziram e conservaram alimentos. Dominaram o ferro e o couro. A madeira e a pedra. O espinho e a flor.

Quando a civilização ancestral e arcaica se fez por inteiro, e o olhar humano dominou a vastidão das serras, os grotões e os vales,

o sertão tinha senhores de terras e vaqueiros. Suas casas estavam plantadas no alto, em duas ou quatro águas, com alpendres que protegiam os paredões no abrigo contra o sol e a chuva. E o pé direito elevado e destemido para afugentar o calor, soprando a fresca viração dos dias e das noites, sob o mormaço das telhas.

Pequenas fortalezas, simples e altaneiras, feitas para defender a vida e a propriedade, a honra e o suor.

É Câmara Cascudo quem avisa numa frase magistral do seu *Tradições Populares da Pecuária Nordestina*:

O arame deu ao vaqueiro, pela primeira vez,
a impressão dominadora da posse alheia,
a imagem do limite

Estava fundado o Reinado do Grande Sertão.

O HOMEM

Nesse território mágico e monumental, nasce um menino que mesmo tendo cortado o umbigo em Natal tinha sua raiz secular fincada no sertão, nos chãos de pedra do Seridó. Afinal, é Comenius na profunda erudição de sua seiscentista *Didactica Magna* quem avisa, há quatro séculos: “A natureza produz tudo a partir da raiz”. E adverte: “Porque na árvore, tudo o que virá a ser madeira, casca, folhas, flores e frutos, não provém senão da raiz”.

O sertão é a raiz desse menino caçula e temporão, ou, como ele mesmo escreveu, “sobejo da seca de 19, o último de uma ninhada de dez”.

Oswaldo Lamartine de Faria nasceu a 15 de novembro de 1919, quando a República fazia trinta anos e a chama do Império ainda ardia nas almas mais velhas. Filho de Juvenal Lamartine de Faria e D. Silvina Bezerra, ambos descendentes das velhas e nobres famílias patriarcais e povoadoras do Seridó. Das linhagens paterna e materna, trouxe o despojamento de uma vida austera e sem regalias, a nobreza das ideias e a heráldica das coragens.

Para desasnar no ler e no escrever, foi aluno da professora Belém Câmara até 1927. Depois, estudou no Colégio Pedro II com o mestre-escola Severino Bezerra, até bater com os costados no velho Ginásio do Recife, de 31 a 33. Por fim, concluiu os estudos de Humanidades no Instituto Lafayette, no Rio, em 1936, de onde saiu para a Escola Superior de Agricultura de Lavras, em Minas Gerais. De lá, trouxe um diploma de Técnico Agrícola e um amigo que escolheu para ser um irmão a vida inteira: Vingt-un Rosado.

Restava, diante dele, o caminho da volta. Não mais para os sertões do Seridó, a Fazenda Ingá, o país da infância. Mas Lagoa Nova, na Ribeira do Camaragibe, a fazenda do seu pai. Um mundo sem fim de dez mil hectares e onde viveria de 1941 a 1947. Para retornar, cinquenta anos depois, e envelhecer, silencioso e sábio, olhando do seu lenço de terra os longes do sertão, ou, como ele gosta de dizer, até bater com os olhos nas paredes do céu.

De nenhum outro diploma precisaria mais, no mundo e na vida.

Tudo quanto aplicou como saber de conhecimento técnico, como administrador de colônias e núcleos agrícolas, no Rio, no Maranhão e aqui no Rio Grande do Norte, foi porque fora antes

treinado nas lembranças do menino e nas vivências do homem feito. Os pontos cardeais de um saber, aquele saber camoniano, de experiências feito, e que ele tinha como se tivesse guardado em velhos baús de família e em malas de couro cru. Porque dentro dele mesmo já estavam todos os elementos de uma civilização mágica e monumental. Feita de céu e de mato. Das secas e das cheias. De lajedos e bichos. Das águas correntes dos rios e das águas paradas dos açudes. De luzes e sombras. De abusões e aparições. Sertão de vaqueiros e caçadores, rastejadores e pescadores. Sertão dos mestres de ofício na madeira, no ferro e no couro. Reinado encantado feito de homens sem medo e mulheres valentes. Sem rei e sem vassalos.

O ESCRITOR

Só algum tempo depois, nasceu o escritor. Mas tudo quanto Oswaldo Lamartine escreveu até hoje, a rigor, ele também já sabia desde os tempos de menino. O que veio a seguir, amansando a palmatória, alisando os bancos escolares, ouvindo os professores de Lavras, discutindo com os técnicos do Banco do Nordeste, lendo e perguntando, foram informações e técnicas. E o que leu nos grandes autores, nas leituras eruditas de uma sempre rica e vasta biblioteca, foram nada mais que sistematizações e ordenamentos para o lastro teórico de um saber que aprendera antes, vendo e ouvindo, observando e anotando, analisando e comparando. E tudo só para compreender o sertão.

Porque tudo ele aprendeu na Escola do Sertão. A velha escola do saber laico, da sabença erudita e popular, que Câmara Cascu-

do, mais uma vez, em Tradições Populares da Pecuária Nordestina, descreve assim, pleno e lírico:

Brincava-se de fazendeiro, de vaqueiro, repetindo-se no microcosmo infantil o macrocosmo humano. Era o serviço de campo, galopando em cavalo-de-pau, juntando o gado feito de ossos com aboios sinceros e obediência maquinal da manada. Vaquejadas com derrubadas espetaculares. Fazer açudes, com cacos de louça. Juntar água, fazê-la correr, luzindo nos canais de irrigação rasgados à unha. Encanto, sedução, ciúme pela água. Um rio cheio era um deslumbramento.

E essa Escola, com seus mestres de ofício, sua ciência do saber-fazer e sua didática oral, o próprio Oswaldo Lamartine revelaria quando recebeu a medalha dos cinquenta anos da Academia Norte-rio-grandense de Letras, numa noite de 1987. E descreveu assim a escola sertaneja, depois de confessar que Cascudo foi aquele que mais lhe influiu – a frase é dele, de Oswaldo – “a botar no papel as coisas do meu mundo que espiava, pisava e não via”:

E assim ele falou pedindo glória aos acadêmicos para os seus velhos mestres:

Daí – pra quê negar? – estou de cabeça aos pés, banhado de um sadio e merecido orgulho. Mesmo porque entendo que a recebo também em nome de todos os que me desasnaram de cada coisa: Mestre Pedro Ourives, o seleiro. Mestre Zé Lourenço, o fazedor de barragens. Chico Julião, o caçador de abelhas. Bonato Liberato Dantas, o pescador de açudes. E o rastejador e vaqueiro maior das ribeiras do Camaragibe – Olinto Inácio.

Basta um simples olhar sobre os títulos de suas principais pesquisas e os velhos professores da Escola do Sertão do Seridó, com suas lições eternas, parecem saltar, vivos, diante dos olhos. Ouçam: *A caça nos sertões do Seridó*, *A.B.C. da pescaria*, *Algumas abelhas dos sertões do Seridó*, *Conservação de alimentos*, *Vocabulário do criatório*, *Encouramento e arreios do vaqueiro*, *Açudes nos sertões*, *Ferros de ribeiras*, *Apontamentos sobre a faca de ponta* e *Notas de carregação* com seu belo e estranho réquiem para o urubu.

O ESTILO

Se fosse preciso buscar ajuda na marcenaria literária das citações, bastaria repetir uma vez mais o velho Buffon, no seu *Discurso sobre o Estilo*, quando afirma numa síntese célebre: “O estilo é o próprio homem”. Para depois acrescentar: “Porque o estilo é apenas a ordem e o movimento que aplicamos às nossas ideias”. Enquanto Goethe, nas suas famosas conversações com Eckermann, ensina, humano e certo: “Em geral, o estilo de um escritor é o reflexo fiel do seu íntimo”. Ou, para lembrar Montaigne na frase que tanto encantava os ouvidos exigentes de Machado de Assis que a cita no Capítulo 68 de *Dom Casmurro*: “Não são meus gestos que escrevo; sou eu, é minha essência”. Ou, ainda uma vez mais, o aviso seco dele mesmo, o Bruxo do Cosme Velho, com seus olhos de lâmina esculpindo palavras, numa crônica de 10 de outubro de 1864: “A primeira condição de quem escreve é não aborrecer”.

Ninguém é mais fiel aos seus gestos e a si mesmo, ao seu íntimo, à ancestralidade de sua própria vida, ao sertão monástico e

monacal, como quem escreve com uma pena feita das plumas do algodão do Seridó, ninguém é mais fiel à sua própria alma do que Oswaldo Lamartine. É ele mesmo, sempre. E não aborrece nunca. E é como se conhecesse as exigentes recomendações de Roland Barthes quando fala sobre o prazer do texto e da leitura. Ouçam, é dele mesmo a belíssima síntese que faz do seu próprio estilo na solidão da cidade grande:

Outros fazem adjuntos patações de ouro, de água de cheiro e até de mulheres. Nós arrebanhamos palavras na boca dos vaqueiros... E não havendo pelas ribeiras de cimento armado da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro onde as campear, tivemos de farejar, rastejar e caçar cada uma delas, perdidas na memória audível do Sertão de Nunca Mais, no falar alheio e nos papéis dos outros.

A rigor, “o falar do sertão”, aquele que está no *Vocabulário do criatório*, mas também em todos os seus livros e textos, bilhetes e cartas, é o saber das raízes. Mantido e transmitido pela cultura oral e coletiva.

Oswaldo Lamartine é dono do saber universal. Porque feito da plenitude de um estilo que tem uma convergência harmônica e perfeita de forma e conteúdo, timbre e dicção, ritmo e metáfora, unindo com a riqueza do olhar, registrando o saber-saber e o saber-fazer.

Seu olhar é sua obra. Síntese perfeita nascida nas fontes das grandes leituras fundadoras. Banhada nas águas épicas de d’Os Sertões, de Euclides da Cunha; e do *Grande Sertão*, de Guimarães Rosa – a *Ilíada* e a *Odisseia* da cultura brasileira, frutos, na bela

visão do poeta Alexei Bueno, das tentações físicas e sobrenaturais, promovendo o encontro do registro etnográfico numa narrativa literária que não empobrece, mas se completa pelo olhar.

Heloísa Pontes, ao estudar os textos que nasceram para registrar e mapear a cultura brasileira, constatou que a divisão euclidiana organizou e sistematizou o olhar dos grandes estudiosos do Brasil nas três sínteses básicas: o homem, a terra e a luta. É o olhar euclidiano. A obra de Oswaldo Lamartine vem das mesmas grandes nascentes, tem esse mesmo olhar, é marcada por esse mesmo sentido das tradições nas sociedades modernas, suas permanências e reinvenções. Porque a tradição é invenção e reinvenção, naquele sentido mais profundo da visão de Eric Hobsbawm ao ensinar ao mundo a dinâmica e a permanência do imaginário.

O trágico e o lírico se fundem no sertão de Oswaldo Lamartine. O trágico nascido do olhar sobre o real, matizado pelas coisas mais próximas e verdadeiras; e o lírico que vem das ruínas em forma de lembranças de um Sertão de Nunca Mais que vai além do apenas real. Os mesmos talhes dos cortes do sertão euclidiano na sua clara predominância do épico que o sertão oswaldiano ameniza com seus professores humildes e anônimos.

Luiz Costa Lima, um dos mais eruditos teóricos e críticos da literatura brasileira, ao analisar a construção da narrativa de *Os Sertões*, em *Terra Ignota*, adverte: “O encanto depende da distância”. E acrescenta: “A distância fecunda arredondamentos líricos. Quando ela se trocar em proximidades transformar-se-á em reconhecimento de imperfeições e em sinais de ruína”.

Willi Bolle, ao estudar o próximo e o distante, a partir do olhar, nos sertões de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, faz a distinção, afirmando: “Enquanto o ensaísta-engenheiro sobrevoa o sertão como num aeroplano, o romancista caminha por ele como por uma estradateixo, atravessando o sertão como um rio”.

Precursor, ao lado de Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, na percepção de uma história oral viva que precisava ser registrada nos seus resíduos antropológicos e etnográficos, como se fossem ruínas, no olhar de Oswaldo parece caber aquele mesmo olhar de Claude-Gilbert Dubois quando no seu *O Imaginário da Renascença*, olha a cidade e ensina: “A cidade é um texto a ser decifrado. Como corpo, a cidade é vivida; como figura, pode ser descrita, como texto, é lida”. O sertão de Oswaldo é visto, vivido e descrito intensamente, e por isso pode ser lido, numa polissemia de leituras. Porque Oswaldo é como se fosse aquele etnógrafo-flâneur de que fala Peter McLaren no seu surpreendente *Multiculturalismo revolucionário*, se é possível transpor a caminhada do seu olhar da cidade para o sertão.

O professor Francisco das Chagas Pereira, desta Universidade, mestre em literatura pela Sorbonne, na edição dos *Sertões do Seridó*, foi buscar na “Semelhança”, uma das quatro forças da teoria das similitudes de Michel Foucault, a explicação erudita do estilo de Oswaldo. E escreveu: “O sertão de Lamartine não existe como objeto exterior de pesquisa, distanciado, de impessoal investigador. É espaço interior, vivenciado, incorporado ao mundo de valores do escritor. Até parece ter-se cristalizado no seu perfil aristocraticamente seco, tímido, quase ascético”.

Oswaldo é o próprio sertão. Aquele sertão dos bois dormindo em chão de feno de Zila Mamede, uma de suas maiores paixões intelectuais. Sertão que é seu território universal e mítico, no qual realiza seu paraíso perdido de homem-raiz, e que ele descreve assim: “Cada vivente tem o seu sertão. Para uns, são as terras além do horizonte e, para outros, o quintal perdido da infância. É o interior mais distante. As entranhas da terra”.

A professora Maristela Oliveira de Andrade, da Universidade Federal da Paraíba e doutora em Antropologia e Sociologia pela Escola de Altos Estudos da Universidade de Paris, no seu olhar sobre a obra de Câmara Cascudo, escreve, no capítulo “O Nascimento da Antropologia Nordestina: a singularidade de uma tradição intelectual” do seu livro *Cultura e tradição nordestina*: “O grandioso mérito da contribuição de Câmara Cascudo provém menos de um esforço de construir uma metodologia própria, do que do esforço de construir um monumento à etnografia brasileira e, particularmente, à etnografia nordestina”.

E qual é a visão de Câmara Cascudo da Etnografia? Está no seu *Civilização e cultura*: “A etnografia não será apenas a contemporaneidade do milênio, mas a universalidade do interesse pelo homem de qualquer paragem e tempo”.

Ora, ninguém mais do que Oswaldo Lamartine viu tanto e tão bem registrou e descreveu o homem milenar e universal da civilização sertaneja. Porque para ele, a cidade foi sempre um lugar de descobertas e espantos. Nela vive apenas um homem cheio de saudades, distante do seu mundo, como confessa no discurso de

lançamento do primeiro livro – *A caça nos sertões do Seridó*, em setembro de 1961:

O meu Natal ainda é o Natal do menino boquiaberto de olhos arregalados para os céus, catando entre as nuvens o vulto do Jahu, de Ribeiro de Barros, dos ratos voadores do Generalíssimo Balbo e da silhueta bojuda do Graff Zepellin. O Natal contrito do Padre João Maria. Natal dos veraneios em casas de taipa e palha na Redinha, Praia do Morcego e Areia Preta – quando se tomava banho de mar por prescrição médica.

UM LIVRO

Há, como que escondida num ninho de casaca-de-couro, entre facheiros e mofumbos, uma modernidade singular no universo oswaldolamartineano. Um olhar só comparável, entre nós, aos lances de Eloy de Souza, quando fez, no início do século passado, as conferências *Costumes locais* e *Alma e poesia do litoral*; e Câmara Cascudo, ao escrever as micro histórias do homem brasileiro nas suas *Actas Diurnas*. É quando retira os olhos da paisagem física e com eles penetra a paisagem humana, aparentemente invisível, porque guardada no mais íntimo cotidiano das casas grandes do sertão do século XIX. E remexe com esses olhos as pequenas prateleiras onde eram guardados os poucos livros naqueles mosteiros, perdidos nos longes, como se percebesse uma outra paisagem, a do imaginário.

E como que temendo olhar, sozinho, velhos livros que tratavam dos pecados e das virtudes da carne e da alma, chamou o

Padre João Medeiros Filho, outro seridoense de cultura bem asentada nos lajedos do saber canônico universal. E, na companhia dele, leu os livros sagrados e profanos: a *Imitação de Cristo* e o *Chernoviz*; a *Bíblia Sagrada* e a *Medicina Caseira*; o *Lunário Perpétuo* e o *Advogado da Roça*; *O Adoremus* e o *Código de Bom Tom*; a *Missão Abreviada* e o *Dicionário de Moraes*. E de tudo quanto foi lido e ouvido nos seus ecos seculares, nasceram leituras de leituras que foram reunidas no *Seridó séc. XIX – Fazendas & Livros*, numa moderna e polissêmica visão na perspectiva do imaginário, bem naquele olhar do professor Durval Muniz, mestre e doutor, titular da cadeira das novas histórias da Universidade da Paraíba, quando olha o Nordeste como uma invenção a partir de uma paisagem imaginária.

Esse livro de Oswaldo Lamartine e João Medeiros Filho é uma verdadeira antevisão da Escola dos Annales, quando liberta o olhar dos grandes heróis para ser também capaz de contar a história das pequenas coisas tão indispensáveis à grande compreensão da vida. Uma história sem reis, imperadores, mártires e heróis, porque uma história da vida comum e coletiva.

A CONSAGRAÇÃO

Aos 29 anos, quando parecia inteiramente desconhecido, Oswaldo chama a atenção de três dos maiores nomes da intelectualidade nordestina e brasileira: Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Mauro Motta. Num artigo para a revista *O Cruzeiro*, edição de 9 de outubro de 1948, o autor de *Casa-Grande & Senzala*

cita Oswaldo, a quem classifica como uma revelação de estilo na etnografia brasileira. José Lins, no mesmo ano, na coluna “Homens, Coisas e Letras”, publicada em todos os jornais Associados do país, registra: “... muito teria que aprender com o jovem ensaísta rio-grandense do Norte, e desta coluna lhe pediria que se possível fosse, me mandasse de empréstimo o que possua em folhetos e ABCs sobre o nosso tema”.

Na sua conferência em Natal, na Escola Doméstica, Gilberto Freyre registra que Oswaldo Lamartine é “um dos melhores etnógrafos do Brasil”, e outra vez revela sua admiração.

É também Gilberto Freyre quem se refere a Oswaldo Lamartine e Câmara Cascudo no seu *Problemas Brasileiros de Antropologia*, informando: “em torno de assuntos nordestinos, se tomaram mestres Luís da Câmara Cascudo e Oswaldo Lamartine”. Ao fazer a dedicatória no exemplar de *Perfil de Euclides e outros perfis*, em 1948, escreveu: “A Oswaldo Lamartine com um abraço e a muita simpatia do seu companheiro de estudos”.

Nunca publicou a mensagem de Rodrigo Octávio Filho, da Academia Brasileira de Letras, lhe consagrando o estilo. Escondeu as dedicatórias consagradoras de Octávio Domingues, o zootecnista considerado um clássico no Brasil. Mauro Motta era seu leitor e queria publicar seus livros. Helmut Sick, o maior nome da ornitologia brasileira, escreveu que ele é o mais profundo conhecedor do sertão do Seridó. Estevão Pinto cita seu nome em estudos sobre os índios. Está na bibliografia do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda. É presença nacional e internacional em

várias bibliotecas daqui e de longe, personagem real e singular do mundo virtual que sequer conhece.

Foi consultor da Globo na adaptação para a tevê do *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, e dela mesma, de quem mereceu dedicatória agradecida na folha de rosto do romance, porque para ela só de cem em cem anos nasce um brasileiro como Oswaldo Lamartine.

Nada lhe fascinou. Só o sertão. Com sua alma de monge, num ascetismo invencível, vivendo fechado na sua caverna feita de livros, sem nunca desejar sair.

O seu sertão é bem aquele sertão talhado a golpes de um estilo conciso, coloquial e confessional, como na sua belíssima descrição do açude, no Dia da Criação:

Espia-se a água se derramando líquida e horizontal pela terra adentro a se perder de vista. As represas esgueiram-se em margens contorcidas e embastadas, onde touceiras de capim de planta ou o mandante de hastes arroxeadas debruçam-se na lodosa lama. O verde das vazantes emoldura o açude no cinzento dos chãos. Do silêncio dos descampados, vem o marulhar das marolas que morrem nos rasos. Curimatãs em cardume comem e vadeam nas águas beirinhas nas horas frias do quebrar da barra ou do morrer do dia. Nuvens de marrecas caem dos céus. Pato verdadeiro, putrião e paturi grasnam em coral com o coaxar dos sapos que abraçados se multiplicam em infindáveis desovas geométricas. Gritos de socó martelam espaçadamente os silêncios. Garças em branco-noivo fazem alvura na lama. É o arremedar, naqueles mundos, do começo do mundo.

Magnífico Reitor Ivonildo Rêgo:

Foi o tempo, velho e sábio, que reservou às suas mãos este instante solene e inesquecível de outorgar, em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o título de *Doutor Honoris Causa* ao escritor Oswaldo Lamartine de Faria, o maior estilista da etnografia brasileira. Foi como se estivesse ouvido, num milagre de transcendência, o lamento de Câmara Cascudo quando reclama da injustiça, no seu *Pequeno manual do doente aprendiz*, dizendo: “Oswaldo Lamartine, esculpido em pau-ferro, ágil por dentro e por fora, depositado num banco ao invés de estar numa cátedra”.

Eis, finalmente, a sua cátedra. Porque Oswaldo Lamartine de Faria, o Doutor de Acauã, é um catedrático com a ciência gloriosa e humilde do notório saber da civilização sertaneja.

Oswaldo:

Foi um honroso privilégio ser o escolhido para fazer esta saudação. Da minha pequena fortuna, toda feita de velhos livros, eu que sou apenas um pobre homem do mar, trago os versos do poeta Virgílio Maia feitos para você. E subo na lua da sela iluminado pelo luar que se derrama sobre esses morros onde floram as craibeiras, só para erguer a minha pequena voz entre as vozes dos mestres e doutores da minha Universidade, saudando a maravilhosa aventura de viver esta noite:

Enfeitei meu chapéu com diamantes,
Pingos d'água catados na Ribeira,
Que uma chuva miúda e benfazeja
Borrifou no meu chão por uns instantes.
Figurei-me um herói, desses errantes,
Um Quixote de luz no pensamento:
Barbicacho no queijo, barba ao vento,
Coração espremido ao guarda-peito
& as fornidas pernas tinham o jeito
Das de rija armadura de outros tempos.

Muito obrigado a todos.

Discurso do homenageado Oswaldo Lamartine de Faria

À UFRN, na pessoa do seu Reitor, Dr. Ivonildo Rêgo, professores, funcionários e alunos.

Perdi horas de sono e de sossego tentando entender a razão de tudo isso.

De primeiro, cuidei ter sido pelos descaminhos dos homens neste mundo de ranger os dentes, desassossegado que nem as ondas do mar. Depois, quem sabe, o afago de vosmecês, no adeus desse meu imerecido viver. Sei lá (?). É a balança do julgamento dos meus amigos costuma ser manca.

É não é astúcia, pantim, nem cavilação, pois o que botei no papel foram apenas momentos do dia a dia do nosso sertanejo.

Convivi com alguns deles debaixo das mesmas telhas – tenho repetidamente confessado.

Mestre Pedro Ourives e seu filho Chico Lins – magos do couro, zelosos e ranzinzas, da escolha de couro-verde ao derradeiro nó-cego da costura. Ramiro e Bonato Dantas, pescadores d'água doce e memorialistas. Zé Lorenço, tora de homem, analfabeto, cujos instrumentos de trabalho se resumiam em um nível de pedreiro e um novelo de cordão. Pois bem, apenas com ele, levantou 640 metros de parede do açude Lagoa Nova sem deixar um cacu-

lo nem uma barroca. O que deixou o engenheiro do DNOCS de queixo caído.

Olinto Ignácio, rastejador e vaqueiro maior das ribeiras do Camaragibe. Vi, um dia, ele se acocorar na beira do caminho e ler no chão de terra: “– Passou fulano, beltrana e uma menina. É que a gente dessa terra tanto faz eu espiar a cara cumo o rastro... E todos já envultados com a Caetana”.

Daí eu repetir: é mais deles do que meu esse título.

Mesmo assim: encabulado, areado e zonzinho, tenho de confessar: – Não sou soberbo nem ingrato.

Agradeço a voscês, mais ainda, ao Doutor Reitor – sertanejo das terras do pôr do sol – onde, naqueles ontens os condutores das boiadas ferravam o tronco de um pé de pau onde se arranchavam. Coisas de um sertão de nunca-mais. Tempos do imperador velho. Mas isso é outra conversa.

Boa noite. Façam agora como mandam aquele menino: batam palmas com vontade, faz de conta que é turista.

Oswaldo Lamartine por ele mesmo

OSWALDO LAMARTINE DE FARIA é sobejo da seca de 1919. Caçula de uma ninhada de dez, teve o umbigo cortado na cidade do Natal do Rio Grande, em 15 de novembro daquele ano. Filho de Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956) e Silvina Bezerra de Faria (1880-1951) – descendentes dos povoadores do Seridó. Desasnado na escola da Profa. Belém Câmara (1927); primário no Colégio Pedro II (Natal, 1928-30) do Prof. Severino Bezerra e preparatórios no Ginásio do Recife (1931-3) e Instituto La Fayette (Rio, 1933-6). Técnico agrícola pela Escola Superior da Agricultura de Lavras- MG (1938-40). Administrou a Fazenda Lagoa Nova, Riachuelo-RN (1941-48). Casou-se com Cassilda Aranha Soares (1944), que lhe deu Isadora (1945-1972) e Cassiano (1948), agrônomo da UFRN. Lecionou na Escola Doméstica de Natal e Escola Técnica de Jundiaí/RN. Pracinha daquém mar nº 1918 da III Cia. de Metralhadoras/16º RI, durante a 2ª Guerra Mundial. Em 1950, “tomou um Ita no Norte” e foi encarregado da Fa. Oratório, Macaé/RJ. Administrador da Colônia Agrícola do Maranhão (Barra do Corda, 1951-2) e Núcleo Colonial do Pium/RN (1952-4). Em 1955, ingressou no Banco do Nordeste do Brasil onde esteve depositado até se aposentar (set./1979). [...] Teve uma segunda

união com Maria de Lourdes Leão Veloso da Rocha (1961). Repartia o seu entardecer catando livros raros nos sebos do Rio de Janeiro e plantando árvores num “lenço de chão” que apelidou de Acauã (Ipatira-RJ) para o amanhã alheio, ocupação que agora está transferindo para os sertões de sua terra.

Oswaldo Lamartine: livros publicados*

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Notas sobre a pescaria de açudes no Seridó*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1950.

_____. *A.B.C. da pescaria de açudes no Seridó*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1961.

_____. *A caça nos sertões do Seridó*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola, 1961. 75 p. (Documentário da vida rural, n. 16).

_____. *Conservação de alimentos nos sertões do Seridó*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1965.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura, 1966.

FARIA, Oswaldo Lamartine de; AZEVEDO, Guilherme de. *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*. 2. ed. Natal: Fundação José Augusto; Fundação Vingt-um Rosado, 1997. (Coleção mosoroense, série C; v. 930).

* Registro produzido pelas bibliotecárias-documentalistas Tércia Marques e Margareth Menezes, da Biblioteca Central Zila Mamede, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A bibliografia completa, incluindo artigos em jornal e revistas, capítulos de livro, plaquetes, separatas e outros escritos, além de publicações sobre Oswaldo Lamartine, pode ser encontrada em: SOBRAL, Gustavo. *O sertão de Oswaldo Lamartine de Faria: a biografia de uma obra*. Natal, Caravela Cultural: 2018. Disponível em: <http://www.gustavosobral.com.br>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó*. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

_____. *Uns fesceninos*. Rio de Janeiro: Artenova, 1970. Edição limitada, fora do comércio para bibliófilos.

_____. _____. Rio de Janeiro: Erotika Lexiko, c1970.

_____. _____. Organização e prefácio de Carlos Newton Júnior. Recife, PE: Bagaço, 2008. (Coleção letras natalenses). Reprodução fac-similar da primeira edição, a partir de exemplar com notas manuscritas do autor.

_____. *Açudes dos sertões do Seridó*. Natal: Fundação José Augusto, 1978. (Coleção Mossoroense, v. 56).

_____. *Os açudes dos sertões do Seridó*. Edição Fac-similar. Natal: Sebo Vermelho, 2012. (Coleção João Nicodemos de Lima; v. 344)

_____. *Sertões do Seridó*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

_____. _____. 2. ed. Natal: Sebo Vermelho, 2004. Fac-similar.

_____. _____. Natal: Sebo Vermelho, 2012. Fac-similar.

_____. *Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte*. Fortaleza: Impr. Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1984. (Coleção mossoroense, série C; v. 241).

_____. *Alguns escriptos da agricultura no Império do Brasil*. Natal: Fundação José Augusto; Mossoró: Fundação Vingt-un- Rosado, 1998. (Coleção mossoroense, série C, n. 1010).

_____. *Notas de carregação*. Natal: Scriptorim Candinha Bezerra; Fundação Hélio Galvão, 2001. (Coleção nação potiguar)

_____. *O sertão de nunca mais*. Natal: Fundação Guimarães Duque, 2002. (Coleção mossoroense, série B, n. 2100).

_____. *O sertão de nunca mais*: Oswaldo Lamartine na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

_____. *Apontamentos sobre a faca de ponta*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1988. Desta edição foram tirados 50 exemplares numerados de 1 a 50 e rubricados pelo autor.

_____. _____. Mossoró: Fundação Ozelita Cascudo; Fundação Guimarães Duque, 1988. 66 p : il. (Coleção mossoroense, série C; v. 414).

_____. _____. Natal: Sebo Vermelho; [Mossoró]: Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-un Rosado, 2006. (Coleção mossoroense). Edição fac-similar.

MEDEIROS FILHO, João Maria; FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Seridó século XIX: fazendas e livros*. Rio de Janeiro: Fomape, 1987.

_____. _____. 2. ed. Rio de Janeiro: Editores Marques Saraiva, 2001.

SILVA, Raimundo Nonato da; FARIA, Oswaldo Lamartine de. *Pseudônimos & iniciais potiguares*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1985. (Coleção mossoroense, série B, n. 424).



Este livro foi produzido
pela equipe da EDUFRRN
em dezembro de 2021.

